

a torre dos loucos
trilogia hussita - livro 1
andrzej sapkowski

Tradução de Olga Bagińska-Shinzato

Adaptação de Rui Azeredo



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

O fim do mundo não chegou no ano de 1420 de Nosso Senhor, embora não faltassem indícios de que viria.

Não se cumpriram as tenebrosas profecias dos quiliastas, que vaticinavam a chegada do Fim com bastante precisão — na segunda-feira após o Dia de Santa Escolástica, em fevereiro de 1420. No entanto, a segunda-feira passou, veio a terça e, de seguida, a quarta-feira — e nada aconteceu. Da mesma forma, não vieram o Dia do Castigo nem o Dia da Vingança, que precederiam a chegada do Reino de Deus. Embora tivessem decorrido mil anos, Satanás não foi libertado da sua prisão nem tão-pouco partiu para enganar as nações dos quatro cantos da Terra. Os pecadores do mundo e os inimigos de Deus também não sucumbiram à espada, ao fogo, à fome, ao grando, às presas de uma fera, à picada de um escorpião ou à peçonha de uma cobra. Os fiéis esperaram em vão a chegada do Messias no cume dos montes Tabor, Beránek, Oreb, Sião ou do monte das Oliveiras. As cinco cidades escolhidas — quinqe civitates —, anunciadas por Isaías na sua profecia e denominadas Plzeň, Klatovy, Louny, Slany e Žatec, em vão aguardaram a chegada de Cristo. O mundo não acabou, não foi aniquilado nem sequer se desfez em chamas. Pelo menos, não por inteiro. De qualquer modo, não se morria de tédio.

Aliás, que ensopado delicioso — espesso, bem temperado e guarnecido abundantemente com torresmo. Há séculos que eu não comia um ensopado assim. Agradeço aos gentis senhores a refeição, e a si, cara taberneira, também agradeço. Perguntam-me se aceito uma cerveja? Decerto, aceito, sim. Se mo permitem, aceito de bom grado. Comedamus tandem, et bibamus, cras enim moriemur.*

O fim do mundo não se deu em 1420, e nem mesmo um, dois, três ou quatro

* Citação em latim de Isaías 22:13: «Comamos, e bebamos, pois amanhã morreremos.» (N. de T.)

anos depois. Tudo corria, por assim dizer, de acordo com a ordem natural. As guerras prosseguiam, as epidemias proliferavam, a mors nigra alastrava e a fome abundava. Roubava-se e matava-se o próximo, desejava-se a sua mulher, e todos se comportavam como lobos uns dos outros. De tempos a tempos organizava-se um ou outro pequeno pogrom contra os Judeus e acendia-se uma fogueirinha para os hereges. No entanto, os eventos que de facto atraíam a atenção incluíam esqueletos saltitando alegremente pelos cemitérios, a Morte, com a sua foice, vagueando pela Terra, um incubo que à noite se enfiava entre as coxas trémulas das donzelas adormecidas, e estriges pousando na nuca dos cavaleiros solitários que percorriam os descampados. Era evidente que o Diabo participava nos assuntos mundanos e circulava entre as pessoas, tamquam leo rugiens — como um leão que ruge —, tentando decidir quem devorar primeiro.

Muita gente de estima morreu naquela época. Decerto, igualmente muitos devem ter nascido, mas nas crónicas não se registam as datas de nascimento e absolutamente ninguém as recorda, talvez com a exceção das mães, ou nos casos em que um bebé nasce com duas cabeças ou dois falos. Já no caso da morte... é como se a data fosse gravada em pedra.

Foi então que, em 1421, na segunda-feira após o Domingo da Alegria, João appellatus Aspersório, duque de Piasta e episcopus wloclaviensis, tendo alcançado merecidos sessenta anos, morreu em Opole. Antes da sua morte, fizera uma doação de seiscentas grívnias em benefício da cidade de Opole. Diz-se que, de acordo com a vontade do moribundo, parte dessa soma foi destinada a um conhecido prostíbulo local, A Dama Ruiva. O bispo gaudério gozara dos serviços desse estabelecimento, situado nas traseiras do mosteiro dos Frades Menores, até à chegada da morte — embora já no fim da vida fosse mais um espectador do que um participante ativo.

Já no verão de 1422 — não me recordo da data exata —, morreu na localidade de Vincennes o rei Henrique V de Inglaterra, vencedor da batalha de Azincourt. Dois meses depois, faleceu o rei Carlos VI, de França, após viver os últimos cinco anos completamente tomado pela loucura. Filho do desvairado, o delfim Carlos exigiu a coroa, mas os Ingleses negaram-se a reconhecê-lo como rei. A sua própria mãe, a rainha Isabel, declarara-o bastardo, concebido fora do leito conjugal e com um homem são. E, uma vez que bastardos não ascendem ao trono, um inglês, o pequeno Henrique, filho de Henrique V, tornou-se monarca e soberano legítimo de França com meros nove meses de idade. A regência coube então a João de Lancaster, duque de Bedford e tio do jovem monarca. João, a par da façção dos Borguinhões, conquistara o Norte de França e Paris, enquanto o Sul permanecia sob o domínio do delfim Carlos e dos Armagnacs. Entre os dois domínios, os cães ganiam por entre os cadáveres que jaziam nos campos de batalha.

Já no Pentecostes de 1423, no castelo de Peníscola, perto de Valência, morreu Pedro de Luna, o papa de Avinhão, um cismático excomungado que, até à morte, se autointitulava Bento XIII, contrariando as resoluções do concílio ecuménico.

Entre os restantes que morreram naquela época, e dos quais me lembro, estava o habsburgo Ernesto de Ferro, duque da Estíria, Caríntia, Carníola, Ístria e Trieste. Também morreu João I de Ratibor, duque em cujas veias corriam combinados o sangue dos Piastas e o dos Premislidas. Venceslau, dux Lubiniensis, morreu ainda jovem; também morto o duque Henrique, que, juntamente com o seu irmão João, era senhor de Ziębice. Henrique dictus Rumpoldus, duque de Głogów e procônsul da Alta Lusácia, morreu no estrangeiro. Morreu ainda Nicolau Trąba, arcebispo de Gniezno, homem respeitável e sábio. Em Marienburg morreu Michael Kűchmeister, grão-mestre da Ordem dos Cavaleiros Teutónicos de Santa Maria de Jerusalém. Morto também Jacó Pęczak, conhecido como Peixe, um moleiro que vivia nas redondezas de Bytom. É um facto que este último não gozava da fama nem da popularidade dos demais aqui mencionados, mas tinha a vantagem de ter sido meu conhecido e de comigo ter bebido, algo que, infelizmente, não posso dizer sobre os outros.

Houve também grandes acontecimentos na cultura. O inspirado Bernardino de Siena pregava os seus sermões, assim como João Cantius e João de Capistrano, ao passo que Jean Gerson e Paweł Włodkowic lecionavam e Cristina de Pisano e Tomás de Kempis escreviam tratados didáticos e morais que transbordavam erudição. Lourenço de Brezova redigia a sua magnífica crónica. Andrei Rublev pintava ícones; Tommaso Masaccio e Robert Campin também pintavam. Jan van Eyck, o pintor do rei João III, da Baviera, criava, para a cátedra de São Bavão, em Gante, o retábulo Adoração do cordeiro místico, um belíssimo políptico que agora adorna a capela de Jodocus Vijd. Em Florença, o mestre Pippo Bruneschi concluía a construção de uma linda cúpula sobre as quatro naves da Catedral de Santa Maria del Fiore. E nós, aqui na Silésia, não ficávamos atrás — na cidade de Nysa, Pedro de Frankenstein encerrava a construção da imponente Igreja de São Jaime. Está localizada relativamente próximo daqui, de Milicz, então talvez você devesse visitá-la, caso ainda não o tenha feito.

Na cidade de Lida, naquele mesmo ano de 1422, durante o Entrudo, o rei Ladislau II da Polónia, nascido Jagelão da Lituânia, celebrou as suas bodas com grande pompa ao desposar Sofia de Halshany, uma virgem de dezassete anos em pleno desabrochar — e mais de meio século mais jovem do que ele. Diziam que a donzela era mais reputada pela sua beleza do que pela sua moral, o que, mais tarde, causaria uns certos problemas. Pois Jagelão, esquecendo-se quase por completo do seu dever de satisfazer a jovem esposa, já no início do verão se lançara num confronto com os lordes prussianos — ou seja, os cavaleiros

teutónicos. Assim, o novo grão-mestre da Ordem, Paul von Rusdorf, sucessor de Kűchmeister, assim que assumiu o posto, teve de enfrentar as armas polacas — e de pronto sentiu todo o poderio das mesmas. Podia não se ouvir nada a respeito do vigor de Jagelão na alcova de Sofia, mas ele sem dúvida mantinha virilidade suficiente para dar uma bela zurzidela aos teutónicos.

Naqueles tempos, o Reino da Boémia também foi palco de importantes acontecimentos. As coisas por lá andavam bastante agitadas, com muito derramamento de sangue e guerras incessantes. Sobre isso, no entanto, nada posso adiantar... Perdoem, senhores, este humilde contador de histórias, mas o medo faz parte da natureza humana, e não foram poucas as ocasiões em que as minhas palavras imprudentes me trouxeram boas pauladas. Pois vejo, senhores, nos seus cafetãs, o brasão polaco de Nałęcz e Abdank, e nos vossos, nobres checos, os galos dos senhores de Dobrá Voda e as flechas dos cavaleiros de Strakonice... E o senhor, com o semblante soturno, é o próprio Zettritz, a julgar pela cabeça de bisonte no escudo. Porém, senhor cavaleiro, não consigo identificar o seu tabuleiro de xadrez diagonal, nem os grifos. Tão-pouco se deve excluir a possibilidade de que você, frade da Ordem de São Francisco, esteja a espiar para o Santo Ofício. Ao passo que estou quase certo de que vocês, irmãos da Ordem de São Domingos, são de facto delatores. Assim, em companhia tão diversificada e internacional, podem ver por vós mesmos por que razão não posso soltar uma reles palavra sobre questões checas, já que não sei quem de vocês apoia Alberto e quem respalda o rei e o príncipe da Polónia. Quem de vocês é a favor de Meinhard de Hradec e Oldřich de Rožmberk, e quem patrocina Hynce Ptáček de Pirkštejn e Jan Kolda de Žampach. Quem é o seguidor do palatino Spytko de Melsztyn e quem é partidário do bispo Oleśnicki. Não tenho o menor desejo de levar uma coça, mas sei que vou apanhar, pois assim costuma ocorrer. «Porquê?», perguntam-me vocês. Por isto: se eu disser que nos tempos aqui relatados os valentes hussitas checos deram uma sova aos alemães, transformando em pó as três sucessivas cruzadas papais, é muito provável que eu, antes mesmo de me dar conta, leve um sopapo de um dos lados. E, caso eu mencione que naqueles tempos os hereges, com a ajuda do próprio Diabo, derrotaram os cruzados nas batalhas de Witków, Vyšehrad, Žatec e Německý Brod, hei de apanhar do outro grupo. Daí eu preferir manter-me em silêncio e, caso decida dizer algo, hei de fazê-lo com a imparcialidade de um emissário — relatando, como se diz, sine ira et studio, de forma concisa, objetiva e direta, sem acrescentar qualquer comentário.

Assim, direi em breves palavras: no outono de 1420, o rei polaco Jagelão rejeitou a coroa checa oferecida pelos hussitas. Decidiu-se, em Cracóvia, que a coroa seria tomada pelo dux Vytautas, da Lituânia, que sempre quisera reinar. No entanto, para não aborrecer Sigismundo, o sacro imperador romano-germânico,

nem o próprio papa, enviaram à Boémia o sobrinho de Vytautas, Sigismundo, filho de Korybut. O jovem, à frente de cinco mil cavaleiros polacos, chegou a Praga Dourada em 1422, no Dia de Santo Estanislau. Mas, já por volta do Dia de Reis do ano seguinte, viu-se o príncipe obrigado a regressar à Lituânia, tão turbulenta se tornara a disputa pela sucessão boémia entre Sigismundo de Luxemburgo e Oddone Colonna — à época, papa Martinho V. E o que dirão vocês a esse respeito? Já em 1424, na véspera da Visitação da Virgem, o filho de Korybut encontrava-se novamente em Praga. Dessa vez, contra a vontade de Jagelão e Vytautas e contra os desígnios do papa e do sacro imperador romano-germânico. Ou seja, ali se encontrava como fora da lei e proscrito. Liderando outros fora da lei e proscritos, tais como ele, que então não eram milhares, mas somente centenas.

Em Praga, no entanto, a revolução, à semelhança de Saturno, devorava os seus próprios filhos, e as facções confrontavam-se. Jan Želivský, decapitado na segunda-feira após o Domingo de Reminiscere de 1422, em maio daquele ano já era velado em todas as igrejas como mártir. A Praga Dourada, presunçosamente, também se opôs a Tabor, mas logo se defrontou com um rival à altura: o grande guerreiro Jan Žižka. No ano do Senhor de 1424, no segundo dia depois das nonas de junho, nos arredores de Maleszów, à beira do rio Bohynka, Žižka deu uma terrível lição aos habitantes de Praga. Depois dessa batalha, muitas mulheres ficaram viúvas e muitas crianças se tornaram órfãs em Praga.

Quem sabe terão sido as lágrimas dos órfãos a fazerem Jan Žižka de Trocnov — e, mais tarde, de Kalich — morrer logo de seguida, em Přebyslav, nas proximidades da fronteira com a Morávia, na quarta-feira antes do Dia de São Galo. Foi sepultado em Hradec Králové, onde jaz. E, como antes, uns choravam por causa dele, enquanto outros lamentavam a sua morte como se lamenta a de um pai. Daí se chamarem então os Órfãos...

Certamente todos vocês se lembram de tais detalhes, uma vez que tudo isso se passou há não muito tempo. Ainda assim, soam como... história.

No entanto, sabem os nobres senhores reconhecer um tempo como histórico? É quando muita coisa acontece, e acontece muito depressa.

E naqueles tempos acontecia muito e muito depressa.

Embora o mundo não tenha encontrado o seu fim, outras profecias acabaram por se confirmar, com grandes guerras e grandes derrotas para os cristãos. E muitos homens padeceram. Era como se o próprio Deus quisesse que a aurora da nova ordem fosse precedida pela destruição da antiga. Parecia que o Apocalipse se aproximava. E que a Fera de Sete Cabeças e Dez Cornos subiria do Abismo. E que a qualquer momento se avistariam os temíveis Quatro Cavaleiros por entre o fumo dos fogos e dos campos banhados de sangue. Que depressa soariam as trombetas e se romperiam os selos. Que o fogo cairia dos céus. Que a Estrela

Absinto desabaria sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes de água. E um homem enlouquecido, vendo a pegada dos pés de outro homem sobre a terra em chamas, beijaria esse rasto com lágrimas nos olhos.

Certos momentos eram tão pavorosos que as pessoas — com o perdão da palavra, nobres senhores — se borravam de medo.

Eram tempos iníquos aqueles. Cruéis. E, se desejarem, senhores, narrá-los-ei para assim espantar o tédio enquanto não cessa a chuva que nos mantém nesta taberna.

Contar-lhes-ei, se assim quiserem, sobre a gente que então vivia e sobre aqueles que igualmente viviam, mas que, contrariamente, não eram de modo algum gente. Relatarei como uns e outros batalhavam contra aquilo que aqueles tempos lhes trouxeram. Contra o destino. E contra eles próprios.

Esta narrativa começa de forma doce e agradável, terna e prazenteira — com uma adorável e singela história de amor. Mas não se deixem enganar, nobres senhores.

Não se deixem enganar.

CAPÍTULO I



No qual o leitor encontra Reinmar de Bielau, conhecido como Reynevan, e alguns dos seus melhores atributos, incluindo a maestria na *ars amandi*, a destreza nos arcanos da equitação e a erudição sobre o Antigo Testamento, embora não necessariamente por essa ordem. O capítulo fala também sobre a Borgonha, tanto no sentido amplo como no estrito.

Contra o pano de fundo de um céu que se mantinha escuro logo após a tempestade, avistavam-se, da janela aberta na pequena câmara, três torres. A mais próxima era a da sede da autarquia. Um pouco mais distante estava a torre esguia da Igreja de São João Evangelista, cujas novíssimas telhas vermelhas reluziam ao sol. E, atrás dela, despontava a torre circular do castelo ducal. Andorinhas sobrevoavam a torre da igreja, assustadas pelo recente badalar dos sinos que agora voltavam a silenciar-se, ainda que o ar saturado de ozono parecesse continuar a vibrar com o som.

Também nas torres das Igrejas de Santa Maria e de Corpus Christi os sinos tinham ecoado pouco antes. Tais torres, no entanto, não podiam ser avistadas da pequena janela da câmara localizada no sótão de um edifício de madeira, encravada, como um ninho de andorinhas, no complexo da enfermaria e do Mosteiro da Ordem de Santo Agostinho.

Era o momento da sexta, a prece do meio-dia. Os monges entoavam *Deus in adjutorium*, e Reinmar de Bielau, conhecido entre os amigos como Reynevan, beijou a clavícula suada de Adèle von Stercza, soltou-se do seu abraço e deitou-se junto a ela, ofegante, sobre os lençóis ardentes, impregnados de amor.

De trás do muro, da rua do mosteiro, ressoavam gritos, o chocalhar das carroças, o estrondo surdo dos barris vazios e o tinir melodioso de potes de

cobre e de estanho. Era quarta, dia de feira, que, como de costume, atraía muitos mercados e compradores a Oleśnica.

*Memento, salutis Auctor
quod nostri quondam corporis,
ex illibata Virgine
nascendo, formam sumpseris.*

*Maria mater gratiae,
mater misericordiae,
tu nos ab hoste protege,
et hora mortis suscipe...¹*

Já estão a cantar o hino, pensou Reynevan ao mesmo tempo que, com um gesto vagaroso, abraçava Adèle, a esposa do cavaleiro Gelfrad von Stercza, oriunda da distante Borgonha. Já começou o hino. Custa a crer quão rápido passam os momentos de alegria. Desejar-se-ia que durassem para sempre, mas desfazem-se como um sonho fugaz...

— Reynevan... *Mon amour*... Meu divino rapaz... — Adèle, ávida e vorazmente, interrompia os devaneios oníricos de Reynevan. Também ela tinha consciência da fugacidade do tempo, mas, ao que parecia, sem a intenção de o desperdiçar em reflexões filosóficas.

Adèle encontrava-se completa, inteira, totalmente nua.

Cada terra tem os seus costumes, refletia Reynevan. *Como é interessante conhecer o mundo e as pessoas. Por exemplo, as silesianas e as alemãs, na altura do coito, nunca deixam levantar a blusa acima do umbigo. As polacas e as checas levantam-na elas próprias e com muito gosto, acima dos seios, mas nunca a despem por completo. Quanto às borgonhesas, ah, essas arrancam tudo num instante. Aparentemente, o seu sangue quente não suporta a pele revestida com qualquer tecido durante o êxtase amoroso. Ah, a alegria que é conhecer o mundo! Deve ser adorável a terra da Borgonha. Linda a sua paisagem. As suas montanhas altas... Colinas íngremes... Vales...*

— Ahhh, ahhh, *mon amour* — gemia Adèle von Stercza, estremeando toda a sua paisagem borgonhesa nas mãos de Reynevan.

Reynevan, a propósito, era um jovem de vinte e três anos que tinha pouca bagagem de vida. Conhecia pouquíssimas checas, ainda menos silesianas e alemãs, uma polaca, uma cigana — e, quanto às outras nacionalidades, uma única vez aconteceu ter levado uma nega de uma húngara. Longe de serem impressionantes, as suas experiências eróticas, para dizer a verdade, eram bem

miseras, em termos tanto de quantidade como de qualidade. Ainda assim, inflamavam o seu orgulho e a sua vaidade. Reynevan, como qualquer jovem tomado pela testosterona, considerava-se um grande sedutor e perito nos assuntos do amor, para quem as mulheres eram um livro aberto. Mas a verdade é que os onze encontros que tivera com Adèle von Stercza até àquele momento haviam instruído Reynevan na *ars amandi* mais do que os três anos de estudos em Praga. Reynevan, no entanto, não se apercebia de que era Adèle quem o ensinava, convencido que estava de que tudo aquilo se tratava apenas do seu talento nato.

*Ad te levavi oculos meos
qui habitas in coelis.
Ecce sicut oculi servorum
in manibus dominorum suorum.
Sicut oculi ancillae in manibus dominae suae
ita oculi nostri ad Dominum Deum nostrum,
Donec misereatur nostri
Miserere nostri, Domine...²*

Adèle agarrou Reynevan pela nuca e puxou-o para cima de si. Ele, dando-se conta do que deveria fazer, amou-a intensamente e com paixão, e, como se isso fosse pouco, sussurrou-lhe ao ouvido declarações de amor. Ele estava feliz. Muito feliz.

A felicidade da qual gozava naquele instante devia Reynevan — indiretamente, é claro — aos santos do Senhor. Pois assim havia sucedido:

Ao arrepender-se de certos pecados, conhecidos apenas por ele mesmo e pelo seu confessor, o cavaleiro silesiano Gelfrad von Stercza prometeu visitar o túmulo sagrado de Santiago. Porém, no início do trajeto, uma mudança de planos: decidiu que Compostela era demasiado longe e que, como Santo Egídio também tinha o seu valor, uma peregrinação até Saint-Gilles bastaria para purgá-lo. Contudo, tão-pouco estava Gelfrad destinado a alcançar essa cidade. Conseguiu chegar apenas a Dijon, onde, por puro acaso, deu com uma borgonhesa que contava então dezasseis anos, a bela Adèle de Beauvoisin. Esta, por quem Gelfrad de pronto perdeu a cabeça, era órfã e tinha dois irmãos preguiçosos e malcriados que, sem pestanejar, ofereceram a mão da irmã ao cavaleiro silesiano. Ainda que achassem que a Silésia se situava algures entre os rios Tigre e Eufrates, os irmãos viram em Stercza o cunhado ideal, uma vez

que ele não atribuía grande importância ao dote. Dessa forma, a borgonhesa acabou por ir parar a Heinrichsdorf, uma aldeia junto a Ziębice que fora concedida a Gelfrad. E foi em Ziębice que Adèle, agora von Stercza, cativou o olhar de Reinmar de Bielau — e vice-versa.

— Aaaah! — berrava Adèle von Stercza, entrelaçando as pernas nas costas de Reynevan. — Aaaaa-aaah!

E nunca tais gemidos teriam sido assim vocalizados — e nada além de olhares discretos e gestos furtivos teria o casal trocado entre si —, não fosse por um terceiro santo, nomeadamente, Jorge. Pois foi no Dia de São Jorge que Gelfrad von Stercza, entre muitos outros, fez o seu juramento e se juntou, em setembro de 1422, a mais uma cruzada anti-hussita organizada pelo príncipe-eleitor de Brandemburgo e pelos margraves de Mísnia. Naquela época, os cruzados não alcançavam grandes êxitos — entraram na Boémia e de lá saíram à pressa, não se arriscando a travar um mísero combate contra os Hussitas. Embora não tenham ocorrido confrontos, vítimas houve — uma delas sendo o próprio Gelfrad, que fraturou a perna com alguma gravidade ao cair do cavalo e, pelo que se podia deduzir das cartas enviadas à família, ainda recuperava em algum ponto de Pleissenland. E assim Adèle — a esposa abandonada —, que à época vivia com a família do marido em Bierutów, podia encontrar-se despreocupadamente com Reynevan na pequena câmara localizada no complexo do Mosteiro da Ordem de Santo Agostinho, nas proximidades do sanatório junto ao qual Reynevan mantinha o seu laboratório.

Os monges na Igreja de Corpus Christi começaram a cantar o segundo dos três salmos previstos para a sexta. *Temos de nos apressar, pensou Reynevan. Na altura do capitulum, o mais tardar durante o Kyrie, e nem um instante depois, a Adèle precisa de desaparecer do sanatório. Ninguém pode vê-la aqui.*

*Benedictus Dominus
qui non dedit nos
in captionem dentibus eorum.
Anima nostra sicut passer erepta est
de laqueo venantium...*

Reynevan beijou os quadris de Adèle. De seguida, motivado pelo canto monástico, inspirou com força o ar e mergulhou no odor de flores de hena e nardo, de açafraão, cana-de-açúcar e canela, de mirra e aloé, e de quaisquer outras juncáceas. Adèle, hirta, estendeu as mãos e cravou os dedos nos

cabelos dele, estribando as suas iniciativas bíblicas com suaves movimentos das ancas.

— Oh, oooooh... *Mon amour... Mon magicien...* Meu menino divino... Feiticeiro...

*Qui confidunt in Domino, sicut mons Sion
non commovebitur in aeternum,
qui habitat in Hierusalem...*

Já é o terceiro salmo, pensou Reynevan. Quão efêmeros são os instantes de felicidade...

— *Revertere* — murmurou ele enquanto se ajoelhava. — Vira-te, vira-te, Sulamita.

Adèle virou-se, pôs-se de joelhos e reclinou-se, agarrando com força as tábuas de tília da cabeceira, apresentando a Reynevan toda a deslumbrante beleza do seu reverso. *Vénus Calipígia*, pensou ele enquanto avançava na sua direção. A associação com a imagem da antiguidade e a visão erótica fizeram-no aproximar-se dela como se ele fosse o já referido São Jorge, atacando com a lança em riste o dragão de Silena. Ajoelhado atrás de Adèle como o rei Salomão atrás do trono de cedro do Líbano, agarrou com ambas as mãos as vinhas de Engaddi dela.

— Oh, minha amada. — Suspirou, debruçando-se sobre a formosa nuca da senhora como a torre de David. — Eu comparo-te à égua das carruagens do faraó.

E comparou. Adèle soltou um grito entre os dentes cerrados. E Reynevan lentamente deslizou as mãos ao longo dos flancos dela, húmidos de suor, escaldando a palmeira para se apoderar dos ramos carregados de frutos. A borgonhesa lançou a cabeça para trás tal e qual uma égua antes de saltar um obstáculo.

*Quia non relinquet Dominus virgam peccatorum,
super sortem iustorum
ut non extendant iusti
ad iniquitatem manus suas...*

Os seios de Adèle saltavam sob a mão de Reynevan como dois cabritos, como gazelas gémeas. Ele então pôs a outra mão debaixo do pomar de romãzeiras dela.

— *Duo... ubera tua* — gemia ele —, *sicut duo... hinuli capreae gemelli... qui pascuntur... in liliis... Umbilicus tuus crater... tornatilis numquam... indigens poculis... Venter tuus... sicut acervus... tritici vallatus liliis...*

— Ah... aaaah... aaah... — respondia a borgonhesa, que desconhecia o latim.

*Gloria Patri, et Filio et Spiritui sancto.
Sicut erat in principio, et nunc, et semper
et in saecula saeculorum, Amen.
Alleluia!*

Os monges cantavam. Assim como Reynevan, que beijava a nuca de Adèle von Stercza, desvairado, enlouquecido, como se escalasse as montanhas e atravessasse as colinas, *saliens in montibus, transiliens colles*, tal e qual um jovem cervo nos montes de bálsamo. *Super montes aromatum*.

A porta, ao ser arrombada com um golpe, abriu-se com um ímpeto e um estrondo tamanhos que um pedaço do batente saiu a voar pela janela tal e qual um meteoro. E Adèle soltou um grito agudo e arrepiante enquanto os irmãos von Stercza entravam a correr na câmara. Era evidente que não se tratava de uma visita cordial.

Reynevan saiu a rolar da cama, agora a única barreira a separá-lo dos intrusos, apanhou a sua roupa e tratou de se vestir apressadamente. Conseguiu fazê-lo quase por completo, mas apenas porque os irmãos Stercza se ocupavam em atacar primeiro a cunhada.

— Rameira! — bramiu Morold von Stercza, o mais jovem deles, arrastando da cama uma Adèle completamente nua. — Meretriz de merda!

— Puta ordinária! — complementou Wittich, o irmão mais velho.

Wolfher, o mais velho dos irmãos von Stercza depois de Gelfrad, nem sequer conseguiu abrir a boca, pois a sua fúria era tamanha que lhe faltavam palavras para expressá-la. Então, ergueu a mão e com ela aplicou uma forte bofetada na cara de Adèle. A borgonhesa gritou, e Wolfher repetiu o golpe, agora com as costas da mão.

— Não te atrevas a bater-lhe, Stercza! — berrou Reynevan, mas a sua voz vacilava e estremecia com medo e um sentimento paralisante de impotência, causados por estarem as suas calças ainda à altura dos joelhos. — Não te atrevas, estás a ouvir?

O grito surtiu efeito, embora não o esperado. Wolfher e Wittich, esquecendo-se por um instante da cunhada adúltera, avançaram para Reynevan e sobre ele despejaram uma avalanche de murros e pontapés. O rapaz encolheu-se sob os golpes, porém, em vez de se defender ou proteger do ataque, teimava

em vestir as calças, como se fossem algum tipo de armadura mágica, capaz de o resguardar e poupar às contusões, uma couraça enfeitiçada de Astolfo ou de Amadis de Gaula. Ainda assim, pelo canto do olho reparou que Wittich se preparava para sacar de uma faca. Adèle berrou.

— Não! — rosnou Wolfher para o irmão. — Aqui, não!

Reynevan conseguiu erguer-se, apoiando-se sobre os joelhos. Wittich, com o rosto pálido de raiva, avançou até ao rapaz e deu-lhe um soco que nesse preciso momento o lançou de volta para o chão. Adèle soltou um grito penetrante que só foi interrompido quando Morold a esbofeteou de novo e lhe puxou o cabelo.

— Não se atreвам... — gemia Reynevan — ...a bater-lhe, seus canalhas!

— Filho da puta! — berrou Wittich. — Espera aí!

Wittich saltou até Reynevan e socou-o e pontapeou-o, uma, duas vezes. À terceira, foi contido por Wolfher.

— Aqui, não — repetiu Wolfher com calma, mas uma calma nefasta. — Levem-no até ao pátio. Vamos levá-lo para Bierutów. Esta puta também.

— Sou inocente! — bramava Adèle von Stercza. — Ele seduziu-me! Enfeitiçou-me! É um feiticeiro! *Le sorcier! Le diab...*

Morold aquietou-a com um golpe.

— Cala-te, égua — rosnou ele. — Logo terás a oportunidade de gritar. Espera só um pouquinho.

— Não se atreвам a bater-lhe! — barafustou Reynevan.

— Tu também, franganito, terás a tua oportunidade de gritar — acrescentou Wolfher, com a sua pernicioso tranquilidade. — Vamos, levem-no para fora.

Para sair do sótão era preciso descer uma escada bastante íngreme. Então, os irmãos Stercza empurraram Reynevan, que reboiou pelos degraus até chegar ao chão, derrubando no trajeto uma parte da balastrada de madeira. Antes de conseguir levantar-se, agarraram-no outra vez e atiraram-no para o pátio, sobre a areia ornamentada com pilhas vaporosas de esterco de cavalo.

— Ora, ora... — disse o miúdo que segurava os cavalos, Niklas von Stercza, o mais novo dos irmãos. — Vejam só quem resolveu aparecer. Será mesmo Reinmar de Bielau?

— O douto sabichão Bielau — resmungou Jencz von Knobelsdorf, conhecido como Bufo, compadre e parente dos Stercza.

— O sabichão tagarela Bielau! — complementou ainda Bufo, pondo-se diante de Reynevan, que por sua vez tentava desajeitadamente levantar-se da areia.

— Poeta de meia-tigela — acrescentou Dieter Haxt, outro amigo da família. — Abelardo de merda!

— E, para lhe provar que somos igualmente doutos — disse Wolfher enquanto descia as escadas —, faremos com ele o mesmo que fizeram com o Abelardo quando o apanharam com Heloísa de Argenteuil. Exatamente a mesma coisa. E então, Bielau? Como te soa a ideia de te tornares um capão?

— Vai-te foder, Stercza.

— O quê? O quê?! — Embora parecesse impossível, Wolfher von Stercza empalideceu ainda mais. — O franganito ainda se atreve a abrir o bico? A cantar? Jencz, passa-me o açoite!

— Não te atrevas a bater-lhe! — berrou de súbito Adèle, agora já vestida, embora não por completo, enquanto era escoltada ao descer as escadas. — Não te atrevas! Caso contrário, conto a todos quem tu és! Que já me cortejaste, passaste as mãos pelo meu corpo, tentaste seduzir-me e instigar-me à libidinagem! Nas costas do teu próprio irmão! Que tu mesmo juraste vingar-te quando não correspondi às tuas investidas! É por isso que agora estás tão... tão...

Adèle não conseguiu encontrar a palavra certa em alemão, e assim a tirada foi por água abaixo. Wolfher limitou-se a rir.

— Até parece! — ironizou. — Achas mesmo que alguém vai dar ouvidos a uma rameira francesa, uma devassa? Bufo, passa-me o açoite!

De súbito, o pátio tornou-se mais escuro, com uma profusão de frades agostinianos em hábitos.

— O que se passa aqui? — berrou o vetusto prior Erasmo Steinkeller, um idoso magro e pálido. — O que fazem, cristãos?

— Ponham-se a andar daqui! — gritou Wolfher, estalando o açoite. — Fora, cabeças-rapadas, fora daqui! Voltem para o breviário, voltem a rezar! Não se metam nos assuntos de cavaleiros! Caso contrário, vão arrepende-se, seus saias-pretas!

— Senhor — disse o prior, unindo as mãos cobertas de manchas escuras —, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem. *In nomine Patris, et Filii...*

— Morold! Wittich! — rosou Wolfher. — Tragam a rameira para aqui! Jencz, Dieter, prendam o Abelardo!

— E que tal — interveio, franzindo o sobrolho, Stefan Rotkirch, mais um amigo da família, que até então permanecera calado — se o arrastássemos um pouco atrás do cavalo?

— Pode ser. Mas antes vamos açoitá-lo!

Alçou a mão para com o açoite golpear Reynevan — que por sua vez permanecia deitado —, mas não o atingiu, pois o irmão Inocente segurara-lhe o braço. O irmão Inocente exibia altura e constituição imponentes, notáveis apesar da corcunda monacal de humildade. Imobilizou o braço de Wolfher de tal modo que o aperto do seu punho parecia o de um torno.

Stercza soltou um palavrão obsceno, livrou-se do frade e empurrou-o com força. Mas poderia até ter empurrado a torre de menagem do castelo de Oleśnica, fosse como fosse, e o efeito teria sido o mesmo. O irmão Inocente, alcunhado pelos seus confrades de «irmão Insolente», não retrocedeu um milímetro. E devolveu-lhe o empurrão com tamanha força que Wolfher atravessou a voar metade do pátio até aterrar numa pilha de estrume.

Por um instante, tudo ficou em silêncio. Então, todo o bando dos Stercza se lançou contra o frade grandalhão. Bufo, o primeiro a atacá-lo, levou um murro nos dentes e rebolou sobre a areia. Morold von Stercza levou um safanão ao pé do ouvido que o fez sair aos tropeções para o lado, com o olhar perdido. Os restantes cercaram o agostiniano como formigas, e a enorme silhueta de hábito negro desapareceu por completo debaixo da enxurrada de socos e pontapés. O irmão Insolente, mesmo sob um ataque massivo, retribuía os golpes em igual medida e de uma forma bem pouco cristã, contrariando por completo a regra da humildade de Santo Agostinho.

O velho prior enervou-se face à cena. Enrubescou como uma cereja, rugiu como um leão e lançou-se para o meio do turbilhão da batalha, manejando, à esquerda e à direita, um crucifixo de palissandro com o qual distribuía pancadadas mordazes.

— *Pax!* — berrava ele ao desferir os golpes. — *Pax! Vobiscum!* Ama o teu próximo! *Proximum tuum! Sicut te ipsum!* Filhos da puta!

Dieter Haxt deu-lhe um soco. As pernas do idoso ergueram-se rumo ao céu enquanto ele caía para trás, as suas sandálias soltas perfazendo trajetórias pitorescas em pleno ar. Os agostinianos começaram a gritar. Alguns não resistiram à tentação e lançaram-se ao combate. O pátio estava tomado pelo alvoroço.

Wolfher von Stercza, empurrado para fora do turbilhão, desembainhou o seu gládio e começou a brandi-lo — um derramamento de sangue parecia iminente. Mas Reynevan, que já tinha conseguido levantar-se, golpeou-o na nuca com o cabo do chicote que apanhara do chão. Stercza, então, agarrou-se à cabeça e virou-se, mas o movimento serviu apenas para que Reynevan lhe acertasse no rosto com o chicote. Wolfher caiu. E Reynevan saiu disparado na direção dos cavalos.

— Aqui, Adèle! Vem comigo!

Adèle não esboçou um movimento sequer, e a indiferença estampada no seu rosto chamava a atenção. Reynevan, de um salto, já estava montado na sela. O cavalo relinchava e sacudia-se.

— Adèèèèè!

Morold, Wittich, Haxt e Bufo desataram a correr atrás dele. Reynevan fez

o cavalo dar meia-volta, assobiou com força e lançou-se a galope rumo ao portão.

— Atrás dele! — berrou Wolfher von Stercza. — Agarrem nos vossos cavalos e vão já atrás dele!

A ideia inicial de Reynevan era fugir pelo portão de Santa Maria para fora da cidade, rumo à floresta de Spahlitz. No entanto, descobriu que a Rua das Vacas, que levava ao portão, estava completamente interditada por carroças. Além disso, o cavalo, arredio e assustado com os gritos de um ginete desconhecido, demonstrava muita iniciativa própria. Assim, antes que Reynevan se apercebesse, já galopava freneticamente na direção da praça do mercado, espalhando lama e fazendo os transeuntes saltarem para os lados para lhe dar passagem. Reynevan nem precisava de olhar para trás para saber que os outros vinham no seu encalço. Bastava ouvir o retumbar dos cascos, o relinchar dos cavalos, os berros selvagens dos Stercza e os gritos raivosos dos atropelados.

Decidiu, então, usar os seus calcanhares para instigar o cavalo. A galope, atropelou o padeiro, que carregava um grande cesto. Uma chuva de pães, rosas e *croissants* desabou sobre a lama e, mal chegaram ao chão, os produtos foram todos pisoteados pelos cavalos dos Stercza. Reynevan nem sequer olhou para trás, pois estava mais preocupado com o que havia à sua frente. Bem diante dos seus olhos surgira uma carroça que levava uma enorme pilha de galhos. A carroça obstruía quase totalmente a ruela, enquanto os poucos espaços restantes estavam ocupados por crianças seminuas agachadas em redor da carruagem, entretidas a escavar o esterco em busca de algo extremamente interessante.

— Agora apanhamos-te, Bielau! — berrou Wolfher von Stercza, que vinha atrás dele, ao aperceber-se do obstáculo no caminho.

O cavalo do fugitivo galopava tão depressa que não havia hipótese de o parar. Então, Reynevan reclinou-se sobre a crina do corcel e limitou-se a cerrar os olhos, o que lhe impossibilitou observar as crianças seminuas a dissiparem-se pela rua com a agilidade e a elegância de um bando de ratos. Tão-pouco olhou para trás, por isso também não pôde testemunhar um homem trajando uma samarra virar-se e, assustado, tentar de súbito manobrar a carroça. E, assim, também não divisou os Stercza a chocarem contra a carruagem atravessada e Jencz von Knobelsdorf a voar da sela e a derrubar sobre si metade dos galhos.

Reynevan seguia a toda a velocidade pela Rua de São João, por entre a sede do município e a casa do autarca, e assim adentrou a enorme praça do mercado de Oleśnica, que estava repleta de gente. Irrompeu um pandemónio. Dirigindo-se à frontaria meridional e ao largo quadrilátero da torre, visível

sobre o portão de Oława, Reynevan galopava disparado entre pessoas, cavalos, bois, porcos, carroças e bancas, deixando atrás de si um rasto de caos. As pessoas berravam, uivavam e maldiziam, o gado mugia e os porcos guinchavam, ao mesmo tempo que bancas e tabuleiros tombados faziam chover todo o tipo de utensílios e produtos — panelas, tigelas, vasilhas, enxadas, peles de ovelha, chapéus de feltro, colheres de tília, velas de sebo bovino, alpercatas de livrilho e galos de barro que vinham com um apito. Também despencavam de todos os lados produtos alimentícios — ovos, queijos, assados, grãos, cenouras, nabos, cebolas e até mesmo lagostins. No meio das nuvens de penas ouviam-se os mais variados tipos de grasnares. Para completar a confusão, os Stercza, igualmente desenfreados, vinham imediatamente atrás, destruindo o que restara ileso.

O cavalo de Reynevan, assustado com um ganso que passara a voar rente ao seu focinho, escoiceou antes de chocar com uma banca de peixes, destroçando as caixas e fazendo tombar os barris. O pescador, enfurecido, arremessou com força o seu enxalavar, errando Reynevan, mas acertando na garupa do cavalo. O equino relinchou e saltou para o lado, derrubando o tabuleiro de uma vendedora de linhas e fitas. Manteve-se ali por alguns instantes, sapateando sem sair do lugar, apatanhando a massa prateada e fedorenta composta por baratas, bremsas e carpas, salpicada com uma profusão feérica de carretéis multicoloridos. Foi apenas por um milagre que Reynevan não caiu. Pelo canto do olho, viu a mercadora das linhas, que agora empunhava um enorme machado, a correr na direção dele. (Sabe Deus qual podia ser a utilidade de tal objeto no comércio de retrosaria.) Depois de cuspir algumas penas de ganso que se tinham colado aos seus lábios, Reynevan conseguiu, por fim, controlar o cavalo, galopando, então, pela ruela do açougue, que, como sabia, ficava bastante próxima do portão de Oława.

— Vou arrancar-te os tomates, Bielau! — berrava Wolfher von Stercza atrás dele. — Vou arrancar-tos e enfiar-tos pela garganta abaixo!

— Vai-te lixar! — respondeu o fugitivo.

Restavam apenas quatro perseguidores: Rotkirch acabara de ser derrubado da sela e levava uma sova de alguns comerciantes enfurecidos na praça.

Reynevan seguia disparado, como uma flecha, ao longo de uma fileira de carcaças penduradas pelas patas. Os açougueiros esquivavam-se assustados. Mesmo assim, atingiu um deles, que levava ao ombro uma enorme coxa bovina. O atropelado tombou com o corte de carne e caiu sob os cascos do cavalo de Wittich, que se empinou com o susto. Wolfher, que vinha atrás com a sua montaria, chocou com ele. Wittich caiu da sela diretamente na banca de carnes, enfiando o nariz em fígados, pulmões e rins, e de seguida ainda amorteceu

a queda de Wolfher, que desabou sobre ele. O seu pé ficara preso no estribo e, antes de conseguir soltar-se, foi derrubando boa parte dos tabuleiros de carne e chafurdando, dos pés à cabeça, em lama e sangue.

No último instante, Reynevan de súbito debruçou-se sobre a nuca do cavalo e assim conseguiu passar debaixo da placa de madeira com o desenho de uma cabeça de porco. Dieter Haxt, que vinha logo atrás dele, não teve os mesmos reflexos. A tábua com a pintura do leitãozinho sorridente estrondeou quando o cavaleiro a atingiu em cheio com a testa. Dieter caiu da montaria e desabou sobre uma pilha de miúdos, espantando um bando de gatos que se reunia ao redor. Reynevan olhou para trás. Agora, dos seus perseguidores, restava apenas Niklas.

No seu galope desenfreado, Reynevan deixou para trás o beco dos talhantes e seguiu a toda a velocidade rumo à pequena praça onde trabalhavam os curtidores. Ao se deparar com um varal de couros molhados mesmo à sua frente, instigou o animal a saltar. O cavalo saltou. E Reynevan não caiu — mais uma vez, por puro milagre.

Niklas não teve tanta sorte. O seu cavalo tentou deter-se bruscamente diante do varal, mas, patinando sobre lama, pedaços de carne e restos de gordura, chocou contra ele. O mais jovem dos Stercza, arremessado da sua sela, voou por cima da cabeça do cavalo, com resultados bastante infelizes. Niklas caiu sobre uma foice usada para raspar do couro os restos de carne e gordura, que os curtidores haviam deixado ali, recostada no varal, e que se lhe cravou na virilha e na barriga.

Niklas, de início, nem se apercebeu do sucedido. Num ímpeto, levantou-se do chão, tentou montar o cavalo e, só depois de este relinchar e recuar, sentiu as pernas bambas e os joelhos cederem. Ainda sem saber o que havia acontecido, o Stercza mais novo foi arrastado pelo cavalo através da lama, que continuava a recuar e a relinchar, em pânico. Por fim, soltou as rédeas e tentou levantar-se. Só então percebeu que se passava algo de errado e resolveu olhar para baixo. Então, viu a sua barriga.

E gritou.

Caiu de joelhos no meio de uma poça de sangue que se alargava rapidamente.

Surgiu Dieter Haxt, que deteve o seu cavalo e saltou da sela. De seguida, chegaram Wolfher e Wittich von Stercza, que fizeram o mesmo.

Niklas sentou-se pesadamente. Olhou de novo para a barriga. Então, soltou um grito e debulhou-se em lágrimas e soluços. A sua visão começava a ficar turva. O sangue que jorrava da sua barriga misturava-se com o dos bovinos e suínos ali abatidos naquela mesma manhã.

— Niklaaas!

Niklas von Stercza tossiu e engasgou-se. E morreu.

— És um homem morto, Reynevan de Bielau! — bramiu Wolfher von Stercza, pálido de raiva, na direção do portão. — Vou encontrar-te, matar-te, destruir-te, acabar com a tua raça, contigo e com toda a tua família de víboras, estás a ouvir?

Reynevan não ouviu. Entre o som retumbante produzido pela batida dos cascos do cavalo sobre as tábuas de madeira da ponte, deixava para trás Oleśnica e galopava disparado rumo ao Sul, na direção da estrada para a Breslávia.

CAPÍTULO II



No qual o leitor descobre mais detalhes sobre Reynevan através de conversas entre as mais variadas pessoas — umas de caráter afável, outras nem tanto. Enquanto isso, o próprio Reynevan segue errante pelas florestas nas cercanias de Oleśnica. O autor poupa aqui o leitor às descrições de tal deambulação. Desse modo, terá ele mesmo, *nolens volens*, de a imaginar por si próprio.

— **S**entem-se, sentem-se à mesa, senhores — conclamava Bartolomeu Sachs, o autarca de Oleśnica, aos vereadores. — O que desejam? Dos vinhos, para ser sincero, não tenho nada que possa impressioná-los. Mas a cerveja chegada hoje é de primeiríssima qualidade, uma ale maravilhosa, vinda diretamente de uma adega profunda e gélida de Świdnica.

— Que seja uma cervejinha, então, senhor Bartolomeu — respondeu Jan Hofrichter, um dos comerciantes mais ricos da cidade, esfregando as mãos. — A cerveja é a nossa bebida. Que os nobres e os diversos fidalgos que andam por aí azedem as tripas com o vinho... Que me perdoe os termos, Vossa Reverendíssima...

— Não há do que se desculpar — disse com um sorriso Jacob von Gall, o padre da Igreja de São João Evangelista. — Eu já não sou fidalgo, sou pároco. E um pároco, como o senhor há de adivinhar pelo nome de tal função, vive junto do povo, a sua paróquia. Portanto, não convém desprezar a cerveja. E eu mesmo posso beber uma, pois já celebrei as Vésperas.

Sentaram-se à mesa numa enorme sala da autarquia, rusticamente caiada e de teto baixo, onde, habitualmente, se realizavam as assembleias do município. O presidente estava acomodado na sua cadeira, como de costume, de costas para a lareira, com o padre Gall a seu lado, com vistas para a janela. Diante deles estavam Hofrichter e Lucas Frydman. Este, um abastado e renomado

ourives, que parecia um verdadeiro nobre, trajava um jaquetão almofadado, então em voga, e um barrete de veludo sobre os cabelos encaracolados.

O prefeito pigarreou e, sem esperar que os serviçais trouxessem a cerveja, começou:

— O que temos aqui? — perguntou, entrelaçando as mãos sobre a sua barriga proeminente. — O que nos arranjaram os nobres senhores ordenados cavaleiros? Uma peleja com os agostinianos. Uma perseguição a cavalo pelas ruas da cidade. Tumulto na praça do mercado, vários cidadãos magoados e, entre eles, uma criança gravemente ferida. Bens danificados, mercadorias desperdiçadas. O prejuízo material foi tal que durante toda a tarde apareceram aqui *mercatores et institores* exigindo indemnizações. Pois eu deveria mandá-los reclamar com os senhores Stercza em Bierutów, Ledna e Sterzendorf.

— É melhor não — advertiu secamente Jan Hofrichter. — Embora eu concorde que os senhores cavaleiros têm, ultimamente, saído um pouco dos eixos, não se deve esquecer das causas e das consequências deste caso. A consequência, uma trágica consequência, vale dizer, é a morte do jovem Niklas von Stercza. E a causa: despudor e libertinagem. Os Stercza procuravam defender a honra do irmão, perseguiram o amante que seduzira a cunhada e, assim, maculara o leito matrimonial. Mas é facto que, no seu zelo, podem ter forçado um pouco a mão...

O comerciante calou-se diante do olhar enfático do padre Jacob, pois, quando este sinalizava com o olhar a sua intenção de se pronunciar, até o presidente se calava. Isso porque Jacob von Gall não era apenas o vigário da paróquia municipal, mas também o secretário de Conrado, este último o duque de Oleśnica e cónego do capítulo da catedral da Breslávia.

— O adultério é pecado — entou o padre, endireitando, do outro lado da mesa, a sua esguia silhueta. — E o adultério é também um delito. Contudo, quem pune os pecadores é Deus, e quem pune os criminosos é a lei. Nada justifica linchamentos ou assassinatos.

— Sim, sim — intrometia-se no *credo* o presidente, que, no entanto, logo se silenciou para se ocupar da cerveja que acabara de ser servida.

— Niklas von Stercza morreu de forma bastante trágica, o que sem dúvida nos causa muita dor — acrescentou o padre Gall. — Mas em consequência de um acidente. Porém, tivesse Wolfher, com a sua companhia, apanhado Reinmar de Bielau, teríamos então de lidar com um assassinato cometido na nossa jurisdição. E ainda não sabemos se não é esse de facto o caso. Gostaria de lembrar que o prior Steinkeller, o honorável ancião vigorosamente espancado pelos Stercza, permanece inconsciente no mosteiro dos agostinianos. Se vier a

morrer em consequência da tarefa, tudo se complicará. Particularmente para os von Stercza.

— Quanto ao delito de adultério — interveio o ourives Lucas Frydman, contemplando os anéis nos seus dedos com unhas bem tratadas —, notem, estimados senhores, que ele não se vincula, de forma alguma, na nossa jurisdição. Embora tal ato despuadorado tenha ocorrido em Oleśnica, as partes não se encontram sob o nosso jugo. Gelfrad von Stercza, o marido traído, é vassalo do duque de Ziębice. Assim como o é o jovem médico, Reinmar de Bielau...

— O ato imoral ocorreu no nosso território, bem como o delito — disse Hofrichter com firmeza. — E não se trata de um delito qualquer, se formos crer naquilo que confessou a senhora von Stercza aos agostinianos: que foi enfeitada pelo médico e induzida, por obra de bruxaria, a pecar. Embora ela resistisse, ele obrigou-a.

— Todas dizem isso — murmurou o presidente para dentro da caneca.

— Especialmente quando alguém da estirpe de Wolfher von Stercza encosta uma faca à sua garganta — acrescentou o ourives sem muita emoção. — O venerável padre Jacob tem razão ao dizer que o adultério é um delito, um *crimen*, e como tal deve ser investigado e levado a julgamento. Não queremos aqui vinganças de família ou batalhas nas ruas, não permitiremos que fidalguetes descontrolados intimidem sacerdotes, empunhem facas e atropelem o povo nas praças. Em Świdnica, um dos Pannewitz foi preso na torre por ter agredido um armeiro, ameaçando-o com um gládio. E assim é que deve ser. Não se pode permitir que retornem os tempos da licenciabilidade cavaleiresca. O assunto tem de ser levado ao duque.

— Até porque — confirmava o presidente, acenando com a cabeça — Reinmar de Bielau é fidalgo, e Adèle von Stercza, fidalga. Não podemos mandar açoitá-lo a ele, nem expulsá-la a ela da cidade como se fosse uma meretriz qualquer. O assunto tem de ser relatado ao duque.

— Mas não vamos precipitar-nos — transigiu o padre Gall, olhando para o teto. — O duque Conrado prepara-se para partir para a Breslávia e, antes da viagem, tem já demasiadas questões a resolver. Os rumores, como de costume, já lhe devem ter chegado; ainda assim, esta não é uma boa altura para oficializá-los. Basta deixarmos o relato do caso para quando o duque regressar. Até lá, muita coisa há de resolver-se sozinha.

— De acordo — disse Bartolomeu Sachs, mais uma vez assentindo com a cabeça.

— Também concordo — acrescentou o ourives.

Jan Hofrichter ajeitou o *kalpak* de marta, soprou a espuma da sua caneca e declarou:

— Por enquanto, não convém informar o duque. Concordo com os senhores que é melhor aguardarmos o regresso dele. Mas devemos informar o Santo Ofício, e sem demora, sobre o que encontramos no laboratório do médico. Não abane a cabeça, senhor Bartolomeu. Não faça caretas, estimado senhor Lucas. E o senhor, venerável padre, pare de suspirar e de contar as moscas neste teto de madeira. Estou tão entusiasmado quanto vocês e desejo a presença da Inquisição na mesma medida que os senhores. Contudo, havia muita gente presente quando o laboratório foi aberto. Não serei muito original neste ponto, mas onde há muitas pessoas, sempre haverá um delator da Inquisição. E, quando um inquisidor aparecer em Oleśnica, seremos os primeiros a ser questionados pela demora.

— Então, eu explicarei a delonga — anunciou o pároco, tirando os olhos do teto. — E fá-lo-ei pessoalmente. Pois é minha esta paróquia, e, portanto, é também minha a responsabilidade de informar o bispo e o inquisidor papal. Cabe-me a mim avaliar se as circunstâncias justificam ou não convocar e importunar a cúria e o Santo Ofício.

— E não seria a feitiçaria sobre a qual berrava Adèle von Stercza aos agostinianos uma dessas circunstâncias justificáveis? — insistiu Jan Hofrichter. — Nem tão-pouco o seria o laboratório? Não o seriam o alambique alquímico e o pentagrama no chão? A mandrágora? As caveiras e as mãos de cadáveres? Os cristais e os espelhos? As garrafas e frascos com todos os tipos de imundície e veneno? As rãs e as lagartixas em jarros? Não constituiria tudo isso uma circunstância justificável?

— Não, não constitui — respondeu secamente o padre Gall. — Os inquisidores são pessoas sérias. Ocupam-se de *inquisitio de articulis fidei*, e não de contos de velhas viúvas, superstições ou rãs. Não tenho a menor intenção de os importunar com esse tipo de palermice.

— E quanto a estes livros? — redarguiu Hofrichter.

— Os livros, antes de mais nada, devem ser examinados, detalhada e demoradamente — respondeu com calma Jacob von Gall. — O Santo Ofício não proíbe a leitura, nem a posse de livros.

— Na Breslávia — afirmou soturnamente Hofrichter —, acabaram de queimar dois homens na fogueira. Do que dão conta os boatos, pela posse de livros.

— Certamente não se deu pela mera posse de livros — redarguiu secamente o pároco —, mas pela contumácia, por uma obstinada resistência a rejeitar o conteúdo dos mesmos. Entre eles havia os escritos de Wycliffe e Hus, *Floretus* lolardiano, os artigos de Praga e vários outros libelos e manifestos. Não noto nada similar aqui, entre os livros confiscados no laboratório de Reinmar de

Bielau. Os volumes que vejo são quase exclusivamente obras médicas. E, diga-se de passagem, a grande maioria deles, se não todos, pertence ao *scriptorium* do mosteiro dos agostinianos.

— Repito — anunciou Jan Hofrichter levantando-se para alcançar os livros expostos sobre a mesa. — Repito: não me entusiasma nem um pouco a presença da Inquisição episcopal ou papal. Não é meu desejo denunciar quem quer que seja ou vê-lo estrepitar numa fogueira. Mas o que está em jogo aqui são as nossas cabeças, caso a acusação de posse de tais livros recaia sobre nós. E o que temos aqui? Além de Galeno, Plínio e Estrabão? Saladino Ferro di Ascoli, *Compendium aromatorium*. Escribónio Largo, *Compositiones medicamentorum*. Bartolomeu de Inglaterra, *De proprietatibus rerum*. Alberto Magno, *De vegetalibus et plantis*... Magno, hã? Uma alcunha digna de um feiticeiro. E, aqui, ora, ora, eis o próprio Sabur ibn Sahl... Abu Bakr al-Rasis... Pagãos! Sarracenos!

— As obras desses sarracenos são estudadas nas universidades cristãs — explicou tranquilamente Lucas Frydman, contemplando os próprios anéis. — São autoridades no campo da medicina. E o seu «feiticeiro» é o próprio Alberto, *o Grande*, bispo de Ratisbona, um teólogo erudito.

— A sério? Hmmm... E o que mais temos aqui...? Vejam! *Causae et curae*, autoria de Hildegarda de Bingen. Certamente, trata-se de uma bruxa, essa Hildegarda!

— Na verdade, não — respondeu com um sorriso o padre Gall. — Hildegarda de Bingen foi uma profetisa, conhecida como Sibila do Reno. Morreu com fumos de santidade.

— Bem, se o diz... E o que é isto? John Gerard, *Generall... Historie... of Plantes*... Interessante, que língua é esta? Talvez o idioma dos Judeus. Mas há de ser outro santo. E aqui temos *Herbarius* da autoria de Tomás da Boémia...

— O que é que disse? — inquiriu o padre Jacob, erguendo a cabeça. — Tomás, *o Checo*?

— É o que está escrito aqui.

— Deixe-me ver — disse o pároco enquanto puxava para si o livro. — Hmmm... Muito interessante... Ao que parece, o fruto não cai longe da árvore.

— Que árvore? — questionou, confuso, Hofrichter.

— É uma questão familiar — interveio Lucas Frydman, que parecia ainda mais absorto nos seus anéis. — Tomás, *o Checo*, ou da Boémia, o autor do *Herbarius*, é o bisavô do nosso Reinmar, o amante das esposas alheias que tantos transtornos e aborrecimentos nos tem causado.

— Tomás da Boémia... Tomás da Boémia — repetiu o presidente,

franzindo o sobrolho. — Também conhecido como Tomás, *o Médico*. Já tinha ouvido falar dele. Era companheiro de um dos duques... Só não me recordo de qual...

— Do duque Henrique VI da Silésia — interveio o ourives Frydman, adiantando-se ao oferecer uma explicação. — De facto, eram amigos. Dizem que Tomás foi um médico ilustre e talentoso. Estudou em Pádua, Salerno e Montpellier...

— Também diziam que era feiticeiro e herege — intrometeu-se Hofrichter, que desde há uns instantes meneava a cabeça para atestar que também a ele lhe ocorrera a lembrança.

— Mestre Jan, o senhor agarrou-se a essa coisa da feitiçaria como um cão a um osso — advertiu o autarca. — Esqueça lá isso.

— Tomás da Boémia — começou o padre Gall, num tom levemente severo — foi clérigo, cónego na Breslávia, e mais tarde bispo sufragâneo da diocese. E bispo titular de Sarepta. Conhecia pessoalmente o papa Bento XII.

— Havia opiniões conflituantes a respeito desse papa — insistiu Hofrichter. — Houve casos de feitiçaria entre os prelados mitrados. No seu tempo, o inquisidor Schwenckefeld...

— Deixe lá isso, pode ser? — interveio o padre Jacob, interrompendo o outro. — Há outras coisas aqui que demandam a nossa atenção.

— De facto — confirmou o ourives. — Eu, particularmente, sei de um assunto que deveríamos abordar. O duque Henrique não teve nenhum filho varão, apenas três filhas. E o nosso padre Tomás teve um caso com a Margarida, a mais nova.

— E o duque consentiu? Eram assim tão bons amigos?

— Na época, o duque já tinha morrido — interveio outra vez o ourives para explicar. — E a duquesa Anna não sabia o que se passava, ou não queria saber. Naquela altura, Tomás da Boémia ainda não era bispo, mas já mantinha ótimas relações com os restantes nobres da Silésia: com Henrique, *o Fiel*, em Głogów; Casimiro, duque de Cieszyn e Fryštát; Bolko II, *o Pequeno*, duque de Świdnica e Jawor; Ladislau, duque de Batom e Koźle; e Luís I de Brzeg. Imaginem os senhores: trata-se de alguém que não só viaja até Avinhão para ver o próprio Santo Padre, como ainda consegue extrair as pedras dos rins a um paciente, e com uma destreza tal que este jamais perde a vara. Melhor ainda: consegue ficar de pau duro e, mesmo que não seja todo o dia, pelo menos levanta-o. Embora isto soe como uma piada, não estou a brincar. É muito comum a opinião de que, se ainda há Piastas na Silésia, isso se deve a Tomás, que com a mesma destreza prestava auxílio tanto aos homens como às mulheres, e também aos casais, se os senhores entendem o que quero dizer.

— Receio que não — reconheceu o presidente.

— Ele sabia como ajudar um casal que não se entendia na cama. Entendem?

— Ah, *agora* sim — disse Jan Hofrichter, assentindo com a cabeça. — Ou seja, a duquesa da Breslávia também deve ter sido tratada de acordo com as artes médicas. E, naturalmente, o fruto disso foi um rebento.

— Naturalmente — confirmou o padre Jacob. — O caso foi resolvido como é costume. Margarida foi enclausurada num convento da Ordem das Clarissas e a criança levada para Oleśnica e entregue ao duque Conrado, que a criou como se fosse seu filho. Quanto a Tomás da Boémia, a cada dia ganhava mais proeminência na Silésia, em Praga e na corte do imperador Carlos IV, em Avinhão. E o jovem já tinha, desde a infância, uma carreira assegurada: uma ocupação eclesiástica, é claro, que dependia das capacidades intelectuais que viesse a demonstrar. Fosse ele parvo, tornar-se-ia o pároco de um povoado qualquer. Tivesse ele um mínimo de argúcia, seria abade cisterciense. E, caso se revelasse de facto sábio, ser-lhe-ia reservado um capítulo de uma das colegiadas.

— E como se revelou? — quis saber o presidente da Câmara.

— Inteligente. Vistoso como o pai. E valente. Antes que pudessem encaminhá-lo em algum sentido, ao lado do duque mais novo, que mais tarde viria a tornar-se Conrado III, *o Velho*, o futuro padre já combatia os habitantes da Grande Polónia. Guerreava com tanta bravura que não havia outra possibilidade que não fosse ordená-lo cavaleiro. E conceder-lhe feudo. Foi assim que morreu o padre Tymo e nasceu o cavaleiro Tymo da Boémia, von Bielau. O cavaleiro Tymo, pouco tempo depois, estabeleceu boas alianças ao desposar a filha mais nova de Heidenreich Nostitz.

— Nostitz entregou a filha a um bastardo concebido por um padre? — questionou Jan Hofrichter.

— É que o padre, pai do bastardo, tornou-se sufragâneo e bispo de Sarepta — continuava a explicar o pároco. — Conhecia o Santo Padre, assessorava Venceslau IV da Boémia e mantinha relações amistosas com todos os duques da Silésia. O próprio Heidenreich deve ter oferecido a mão da filha, e de boa vontade.

— É possível — assentiu Hofrichter.

— Do relacionamento da filha de Nostitz com Tymon de Bielau nasceram Henrique e Tomás — prosseguia o padre Gall. — O sangue do avô aflorou em Henrique, que se fez padre, frequentou a universidade em Praga e, até à sua morte, relativamente recente, foi o cardeal responsável pelo colégio da Igreja da Santa Cruz, na Breslávia. Quanto a Tomás, casou-se com Bogushka, filha de Miksha de Prochowice, e com ela teve dois filhos: Piotr, conhecido como

Peterlin, e Reinmar, a quem chamamos Reynevan.* Não sei se tais apelidos botânicos foram escolhidos por eles mesmos ou se eram fruto da imaginação do pai. O qual, a propósito, pereceu nos campos de Tannenberg.

— De qual lado? — quis saber Jan Hofrichter.

— Do nosso, dos cristãos — confirmou o padre.

Jan Hofrichter assentiu e bebeu um gole da sua caneca.

— E esse tal Reinmar-Reynevan que tem o hábito de seduzir as mulheres dos outros... Que posição ocupa entre os agostinianos? É oblato? Converso? Noviço?

— Reinmar de Bielau — começou o padre Jacob com um sorriso — é médico, formado pela Universidade Carolina, em Praga. O rapaz estudou na escola da catedral da Breslávia ainda antes de entrar na universidade. Depois, foi instruído nos arcanos do herbalismo pelos boticários de Świdnica e pelos frades do sanatório de Brzeg. Foram estes últimos e o próprio tio Henrique, mestre da Breslávia, que o mandaram para os nossos agostinianos, que são especialistas em tratamentos à base de ervas. O rapaz trabalhou honesta e assiduamente no sanatório e na leprosaria, comprovando a sua vocação. Só mais tarde, como mencionei, foi estudar Medicina em Praga, ainda graças à proteção do tio e ao dinheiro que este recebia como cónego. Na universidade, foi um aluno aplicado e, passados dois anos, tornou-se bacharel em artes, *artium baccalaureus*. E deixou Praga logo depois... hã...

— Logo depois da Defenestração — interveio o presidente, sem hesitar em concluir a frase do pároco. — Ora, o que demonstra claramente que não tem qualquer ligação com a heresia hussita.

— Não tem qualquer vínculo — confirmou o ourives Frydman com tranquilidade. — Soube disso pelo meu próprio filho, que na época também estudava em Praga.

— E fez muito bem Reynevan em retornar à Silésia — acrescentou o presidente Sachs. — E melhor ainda em regressar cá, a Oleśnica, e não ao ducado de Ziębice, onde o irmão serve como cavaleiro ao duque João. É um bom rapaz, o Reynevan: sensato, apesar de jovem. E hábil como poucos no que se refere aos tratamentos com ervas. Por sinal, foi ele quem curou os furúnculos da minha senhora, que apareceram no seu... corpo. Tratou a tosse crónica da minha filha. E receitou-me uma decocção para os meus olhos, que se enchiam de pus, e o problema desapareceu como que por magia...

O presidente da Câmara calou-se, pigarreou e enfiou as mãos nas mangas do seu casaco revestido a pele. Jan Hofrichter encarava-o com um olhar desconfiado.

* No idioma gótico arcaico (germânico oriental), *peterlin* significava «salsinha», e *reynevan*, uma planta nativa da Europa, *Tanacetum vulgare*, ou erva-de-são-marcos. (N. de T.)

— Agora tudo me parece claro, por fim, a respeito desse tal Reynevan — declarou Hofrichter. — Percebi tudo. Ainda que sendo bastardo, nas suas veias corre o sangue dos Piastas. É filho de bispo. Queridinho dos duques. Parente dos Nostitz. Sobrinho de um mestre encarregado de um colégio na Breslávia. Companheiro de estudos universitários dos filhos dos ricos. Como se tudo isso fosse pouco, é ainda um médico dedicado, quase um milagreiro, capaz de obter a valiosa gratidão dos poderosos. Só por curiosidade, venerável padre, de que o curou o senhor Reynevan? De qual moléstia?

— Moléstias — começou o pároco a responder com frieza — não constituem um tema apropriado para discussões. Digamos, portanto, que as tratou com êxito, sem entrarmos em pormenores.

— Não vale a pena correremos o risco de ter de executar alguém como ele — acrescentou o presidente. — Seria uma pena permitir que um rapaz como ele perecesse numa vingança de família só porque se apaixonou por um belo par de... olhos. Que sirva a comunidade. Que trate os cidadãos, já que é tão hábil no ofício...

— Mesmo que, para tal, faça uso de um pentagrama traçado no chão? — rosnou Hofrichter.

— Se funciona — respondeu com seriedade o padre Gall —, se ajuda, se alivia a dor, então que faça uso dele. Tais habilidades são um dom divino, o Senhor atribui-as de acordo com a Sua vontade e com um propósito conhecido apenas por Ele. *Spiritus flat, ubi vult*: não nos cabe entender os caminhos traçados por Ele.

— Amém — concordou o prefeito.

— Em breves palavras — insistia Hofrichter —, alguém como o Reynevan não pode ser considerado culpado? É isso? Hein?

— Aquele que não guardar nenhuma culpa — respondeu o pároco, com uma expressão impassível — que atire a primeira pedra. E Deus julgar-nos-á a todos.

Por um instante pairou um silêncio tão profundo que era possível ouvir o farfalhar das asas das borboletas a debaterem-se nas janelas. Ecoou, vindo da Rua de São João, um grito prolongado e melodioso de um guarda municipal.

— Então, para resumirmos — anunciou o presidente, endireitando-se à mesa e esbarrando nela com a barriga —, os irmãos Stercza devem ser responsabilizados pelo tumulto na nossa cidade de Oleśnica. Da mesma forma, devem os Stercza ser responsabilizados pelos prejuízos materiais e danos corporais infligidos na praça do mercado. Serão também os Stercza responsabilizados pela perda de saúde e, Deus nos livre, pela eventual morte do venerável prior Steinkeller. Eles, e apenas eles, são os culpados. E o ocorrido com Niklas

von Stercza não foi senão um... infeliz acidente. Aquando do retorno do duque, apresentar-lhe-ei dessa forma os factos. De acordo?

— De acordo — responderam os outros em unísono.

— *Consensus omnium* — declarou o pároco.

— *Concordi voce* — complementou o ourives.

— E, se o Reynevan aparecer algures — acrescentou o padre Gall após um momento de silêncio —, sugiro que o prendamos discretamente e o mantenhámos encarcerado aqui, na cela solitária da Câmara, para sua própria segurança, até que o caso seja abafado.

— Seria bom fazê-lo de imediato — acrescentou Lucas Frydman, ainda com os olhos voltados para os anéis —, antes que Tammo von Stercza tome conhecimento de todo este acordo.

Enquanto deixava o prédio da Câmara para mergulhar na penumbra que engolia a Rua de São João, o mercador Hofrichter catrapiscou, pelo canto do olho, um movimento acima do muro da torre, iluminada pelo luar: um vulto que se deslocava um pouco abaixo das janelas do trombeteiro municipal e um tanto acima das janelas da Câmara, onde pouco antes se dera a reunião do conselho. Hofrichter olhou fixamente para o ponto, cobrindo os olhos devido à irritante luz que vinha da lanterna carregada pelo seu serviçal. *Que diabos, pensou, fazendo de imediato o sinal da cruz. O que se mexe ali, em cima do muro? Será um bufo? Uma coruja? Um morcego? Ou talvez...*

Jan Hofrichter estremeceu, fez de novo o sinal da cruz, puxou o *kalpak* de marta de modo a cobrir as orelhas, envolveu-se na capa de pele e adamasco e estugou o passo na direção de casa.

E assim, portanto, não pôde ver a enorme trepadeira-dos-muros que estendia as suas asas e se lançava do parapeito para, silenciosamente, sobrevoar os telhados da cidade como se fosse um espectro noturno ou um fantasma.

Apezcko von Stercza, o senhor de Ledna, não gostava de visitar o castelo Sterzendorf. E havia uma razão muito simples para isso: Sterzendorf era a residência de Tammo von Stercza, líder e patriarca da família — ou, como diriam outros, o tirano, déspota e opressor da família.

O quarto estava abafado. E imerso na escuridão. Temendo apanhar uma constipação, Tammo von Stercza não permitia que as janelas fossem abertas. Da mesma forma deviam as venezianas permanecer sempre fechadas, pois a luz cegava os olhos do aleijado.

Apeczko estava faminto e coberto de poeira ao retornar da sua viagem. Mas não havia tempo nem para se alimentar, nem para se limpar. O velho Stercza não gostava de esperar. Tão-pouco tinha o costume de oferecer comida aos convidados. Menos ainda aos familiares.

Apeczko, então, engolia saliva para humedecer a garganta — naturalmente, não lhe fora servido nada para beber — enquanto relatava a Tammo os eventos ocorridos em Oleśnica. Fazia-o a contragosto, mas não havia opção. Aleijado ou não, paralítico ou não, Tammo era o patriarca da família. Um patriarca que não tolerava desobediência.

O ancião ouvia o relato, acomodado na cadeira na sua pose característica, bizarramente retorcida. *Velho sapo deformado*, pensava Apeczko. *Um paralítico colérico*.³

As causas do estado em que se encontrava o patriarca da família Stercza não eram de todo conhecidas, nem do conhecimento de todos. Havia consenso apenas a respeito de uma coisa: Tammo sofrera uma apoplexia fulminante após um acesso de fúria. Uns diziam que o velho se enfurecera ao saber que Conrado, seu inimigo pessoal, o odiado duque da Breslávia, recebera a consagração episcopal ao ser ungido bispo, tornando-se a pessoa mais poderosa da Silésia. Outros, por sua vez, argumentavam que o malfadado ataque de nervos resultara do facto de a sogra de Tammo, Anna de Pogorzels, ter deixado queimar o prato favorito dele — trigo-sarraceno com torresmo. Não havia como saber o que de facto ocorrera, mas o resultado era evidente e impossível de ser ignorado. Após o acidente, Stercza conseguia mover — ainda assim, sem muita destreza — apenas o braço direito e o pé esquerdo. A pálpebra direita estava sempre caída, e da pálpebra esquerda, que ele às vezes conseguia levantar, vertiam lágrimas mucosas. Do canto dos lábios, contorcidos numa careta macabra, escorria saliva. O acidente causara-lhe ainda a perda quase total da fala, daí a origem da sua alcunha — Balbulus, o gago balbuciente.

A perda da capacidade de falar, no entanto, não provocara a consequência pela qual toda a família mais ansiava: a privação de contacto com o mundo. Ah, não. O senhor de Sterzendorf ainda mantinha controlo total sobre a família e continuava a aterrorizar toda a gente. E o que quisesse dizer ele dizia, pois ao seu lado havia sempre alguém que entendia os seus murmúrios, gemidos, balbucios e bramidos e os transpunha para um discurso coerente. Normalmente, esse papel cabia a uma criança — um dos incontáveis netos ou bisnetos de Balbulus.

Naquela ocasião, a intérprete era Ofka von Baruth, a sua neta de dez anos, que, sentada aos pés do ancião, se entretinha a vestir uma boneca com tiras de panos coloridos.

— Assim — concluía o seu relato Apeczko von Stercza, aclarando a garganta antes de passar às conclusões —, o Wolfher pediu-me, por intermédio do estafeta, que o avisasse de que ele muito em breve tratará do assunto. E que Reinmar de Bielau será apanhado na estrada da Breslávia e então punido. Mas que, por ora, ele, o Wolfher, se vê de mãos atadas, pois o duque de Oleśnica encontra-se em viagem com toda a corte e diversos representantes do clero, de grande notabilidade, portanto não haveria meios de... Não há como iniciar uma perseguição. Mas o Wolfher jura que apanhará o Reynevan. E que lhe pode ser confiada a honra da família.

A pálpebra de Balbulus estremeceu e um fio de baba escorreu-lhe da boca.

— Bbbhh-bhh-bhh-bhubhu-bhhuaha-rrhhha-phhh-aaa-rrh! — fez ressoar pelos aposentos o velho. — Bbb... hrrrh-urrrhh-bhuuh! Guggu-ggu...

— O Wolfher é um idiota de merda — traduzia Ofka von Baruth com a sua voz fina e melodiosa. — Um imbecil a quem eu não confiaria nem um balde cheio de vômito. E a única coisa que ele é capaz de apanhar é o próprio pau.

— Pai...

— Bbb... brrrh! Bhrrhuu-phr-rrrhhh!

— Cala-te! — prosseguiu Ofka, sem erguer a cabeça, ocupada com a boneca. — Ouve com atenção o que te digo. E o que vou ordenar.

Apeczko aguardou pacientemente até que cessassem os murmúrios e bramidos e então prestou atenção à tradução.

— Antes de mais nada, Apecz — ordenava Tammo von Stercza pela boca da criança —, determinarás qual das mulheres de Bierutów deveria vigiar a borgonhesa. É evidente que ela não percebeu o real motivo por trás daquelas visitas de caridade até Oleśnica ou estava de conluio com a rameira. Podes dar-lhe trinta e cinco chibatadas, com um açoite molhado, no traseiro despidido. Aqui mesmo, no meu quarto, para que eu veja e também possa, ao menos, divertir-me um pouco.

Apeczko von Stercza assentiu com a cabeça. Balbulus tossiu, murmurou algo e babou-se todo. Depois, contorceu-se terrivelmente e grasnou mais um pouco.

— Quanto à borgonhesa, que, ao que me consta, se encontra refugiada no convento das cistercienses, em Ligota, ordeno que a tirem de lá mesmo que seja preciso tomar de assalto o lugar — transmitia Ofka enquanto penteava com uma escovinha o cabelo de estopa da boneca. — Depois, tranquem a vadia no mosteiro de alguma ordem que nos seja favorável, por exemplo em...

Tammo interrompeu, de súbito, o gaguejar, o seu bramido entalado na garganta. Apeczko, fulminado pelos olhos vermelhos de fúria do velho, dava-se

conta de que este reparara na sua expressão de embaraço. Já não havia como esconder a verdade.

— A borgonhesa conseguiu escapar de Ligota — gaguejou Apeczko. — Sorrateiramente... Não se sabe para onde. Ocupados com a perseguição, eles... nós... não a vigiámos.

— Porque será... — voltava a traduzir Ofka, após um longo e grave silêncio. — Porque será que isso não me surpreende minimamente? Mas, se assim é, que seja! Não vou preocupar-me com uma puta. Que o próprio Gelfrad resolva esse assunto quando voltar. Que ponha fim a isso tudo com as próprias mãos. Não quero ter nada que ver com os seus cornos. De facto, não se trata de algo novo nesta família. Até a mim devem ter posto os cornos, e dos grandes, pois não é possível que esses idiotas tenham saído do meu próprio lombo.

Por uns instantes, Balbulus tossiu, gemeu e engasgou-se. Mas Ofka não traduziu nada, portanto não devia tratar-se de alocução, mas de uma tosse comum. Por fim, o ancião ganhou fôlego, contorceu-se como um demónio e bateu com o cajado no chão. A seguir, gorgolejou descontroladamente. Ofka escutava enquanto mordiscava a ponta da trança.

— O Niklas, no entanto, era a esperança desta família — recomeçou a menina. — Era de facto sangue do meu sangue, o sangue dos Stercza, e não a lavagem de associações foleiras, das quais só o diabo saberá. Portanto, o assassino deve pagar pelo sangue derramado. E com juros.

Tammo bateu de novo no chão com o cajado, que caiu da sua mão trémula. O senhor de Sterzendorf tossiu e espirrou, babando-se e lambuzando-se todo. Hrozwita von Baruth, mãe de Ofka e filha de Balbulus, em pé junto ao pai, limpou-lhe o queixo, recolheu o cajado e enfiou-o entre os dedos do velho.

— Hgrrrhhh! Grhhh... Bbb... bhrr... bhrrllg...

— Reinmar de Biellau pagará pelo Niklas — traduziu Ofka com indiferença. — Ele vai pagar-me, juro por Deus e por todos os santos. Vou enfiá-lo numa masmorra, numa jaula, num baú como aquele em que o povo de Głogów trancou Henrique, *o Gordo*: um baú com um mero buraco para o alimentarmos e um segundo na outra ponta, de modo que nem sequer consiga coçar-se. Vou mantê-lo assim por uns seis meses. Só depois disso é que lidarei com ele. Vou mandar trazer um algoz de Magdeburgo, onde há excelentes torturadores, bem diferentes destes daqui da Silésia, onde o delinquente morre logo ao segundo dia de flagelos. Ah, isso não, vou mandar trazer um mestre que dedicará ao assassino do Niklas toda uma semana. Quem sabe, até duas.

Apeczko von Stercza engoliu em seco.

— Mas, antes, é preciso apanhar o adúltero — continuava Ofka. — E, para tanto, é preciso ser esperto. Ter miolos. Pois o adúltero não é nada parvo. Se

fosse burro, não teria feito um bacharelato em Praga, não teria caído nas graças dos frades de Oleśnica. E não teria conseguido seduzir a francesa do Gelfrad. Com um espertalhão como ele, não basta percorrer feito doido a estrada da Breslávia, expondo-se ao ridículo. Tão-pouco pôr a boca no trombone e divulgar o assunto, o que lhe traria vantagem a ele, e não a nós.

Apeczko assentiu com a cabeça. Ofka olhou para ele e fungou o narizinho arrebitado.

— O adúltero — prosseguiu ela — tem um irmão a quem foram concedidas terras num lugar próximo de Henryków. É bem provável que busque lá refúgio. Talvez até já esteja por lá. Havia outro Bielau que, quando vivo, foi padre na colegiada da Breslávia, portanto não se pode descartar que o canalha vá procurar a ajuda de outro canalha. Isto é, do venerável bispo Conrado, aquele maldito bebedolas e ladrão!

Hrozwita von Baruth voltou a limpar o queixo do velho, cheio de baba após o surto de cólera.

— Além disso, o adúltero tem conhecimentos entre os frades da Ordem do Espírito Santo, em Brzeg. No sanatório. O nosso espertalhão pode muito bem ter ido para lá, de modo a surpreender e despistar o Wolfher. O que, por sinal, não é uma tarefa muito difícil. Por fim, o mais importante. Ouve bem, Apecz. O adúltero decerto vai querer armar-se em trovador, fingir ser um Lohengrin de merda ou outro Lancelot... Vai querer contactar a francesa. E é aí que devemos apanhá-lo, em Ligota, como se apanha um cãozinho atrás de uma cadela com o cio.

— Como assim, em Ligota? — ousou Apeczko perguntar. — Se ela...

— Fugiu, eu sei. Mas ele não sabe disso.

A alma do velho, pensou Apeczko, é ainda mais retorcida do que o seu corpo. Mas é astuto como uma raposa. E, para ser justo, é preciso admitir que ele sabe um bocado. Sabe tudo.

— Mas, para que se realize o que ordeno — seguia Ofka com a tradução —, vocês, meus filhos e sobrinhos, presumivelmente sangue do meu sangue e osso do meu osso, não se mostram muito prestáveis. Por isso, vais sair daqui o mais depressa possível e dirigir-te primeiro a Niemodlin e depois a Ziębice. Chegando lá... Ouve com atenção, Apecz. Chegando lá, encontrarás Kunz Aulock, conhecido como Kyrieleison. E outros: Walter de Barby, Sybko de Kobelau, Stork de Gorgowitz. Deves dizer-lhes que Tammo von Stercza pagará mil florins renanos por Reinmar de Bielau. Vivo. Não te esqueças: mil.

Apeczko engolia em seco a cada apelido anunciado pela menina porta-voz. Eram os piores sicários e assassinos de quase toda a Silésia, canalhas

amorais despidos de qualquer noção de honra ou de fé. Matariam a própria avó por três moedas, então era de imaginar o que seriam capazes de fazer pela impressionante soma de mil florins. Os meus *florins*, pensou Apeczko, contrariado. *Pois a herança há de ser toda minha depois de este parálítico de merda finalmente bater a bota.*

— Entendido, Apecz?

— Sim, pai.

— Então, põe-te a andar daqui, depressa. Faz-te à estrada e cumpre as minhas ordens.

Primeiro, pensou Apeczko, vou à cozinha, onde hei de comer e beber por dois, velho forreta. Depois, veremos.

— Apecz.

Apeczko von Stercza virou-se e voltou o olhar. Mas não para o rosto contorcido e avermelhado de Balbulus. Não era a primeira vez que aquele semblante lhe parecia antinatural, desnecessário e deslocado, ali, em Sterzendorf. Apeczko fitava os enormes olhos castanhos da pequena Ofka. E olhava também para Hrozwita, posicionada atrás da cadeira.

— Sim, pai?

— Não nos deceções.

E se, por acaso, não for ele a dar as ordens? O pensamento passou-lhe pela mente. Se calhar nem ali está, se calhar é um defunto a ocupar a cadeira, uma carcaça quase morta cujo cérebro foi totalmente devorado pela paralisia. Será que são... elas? Será que são essas mulheres — meninas, raparigas, senhoras e velhas — que mandam em Sterzendorf?

Afastou de imediato tal pensamento absurdo.

— Não dececionarei, pai.

Apeczko von Stercza não tinha a menor intenção de se apressar em cumprir as ordens de Tammo. Dirigiu-se a passos rápidos, resmungando de raiva, até à cozinha do castelo, onde mandou que lhe servissem tudo de que a dita cozinha dispunha, exatamente por esta ordem: os restos do pernil de cervo, costeletas de porco cheias de gordura, um enorme gomo de chouriço sangrento, um pedaço de presunto curado de Praga e alguns pombos guisados em canja. E também um pão inteiro, grande como um broquel sarraceno. Para acompanhar, claro, os melhores vinhos da Hungria e da Moldávia, que Balbulus guardava para consumo próprio. O parálítico podia ser o senhor dos seus aposentos, lá em cima. Fora deles, o poder executivo estava nas mãos de outra pessoa. Fora dos aposentos do velho, Apeczko von Stercza era o senhor *de facto*.

Apeczko sentia-se o legítimo mestre do castelo e assim demonstrou mal entrou na cozinha. Um cão levou um pontapé e fugiu a uivar. Desapareceu o gato, desviando-se, com astúcia, de uma colher de pau lançada na sua direção. As serviçais sentaram-se assim que um caldeirão de ferro caiu ao chão, emitindo um horrível estrondo. A criada mais morosa levou uma palmada na nuca e teve de ouvir que era uma puta imprestável. Os miúdos que serviam de criados também puderam descobrir uma coisa ou outra a respeito de si mesmos e das suas mães, e alguns até foram apresentados ao punho do senhor, maciço e pesado como ferro fundido. Aquele a quem Apeczko precisou de repetir a ordem de trazer os vinhos da adega senhoril levou um pontapé tão forte que teve de ir buscá-los arrastando-se de gatas.

De seguida, Apeczko — o mestre Apeczko — acomodou-se na sua cadeira atrás da mesa, avidamente devorando tudo com enormes mordidas e revezando os vinhos da Moldávia e os da Hungria. De acordo com os costumes senhoris, lançava ao chão os ossos e os restos do prato, cuspia e arrotava. E observava pelo canto dos olhos a gorda governanta, apenas à espera de que ela lhe desse um mísero pretexto.

Sapo velho, caduco, paralítico. Ordena que lhe chame de pai quando na verdade é apenas meu tio, irmão do meu pai. Mas tenho de o aguentar, pois, quando finalmente bater a bota, eu, o Stercza mais velho, serei de facto o senhor da família. Será preciso, certamente, repartir a herança, mas eu é que serei o senhor da família. Todos sabem disso. Nada vai atrapalhar-me, nada pode atrapalhar-me...

O que pode atrapalhar-me..., continuava a refletir Apeczko, praguejando em voz baixa, é a confusão que envolve o Reynevan e a esposa do Gelfrad. O que pode prejudicar-me é a vingança da família, que violará as leis de Landfrieden que regem os feudos familiares. Posso prejudicar-me ao contratar sicários e assassinos, bem como ao empreender perseguições chamativas, ao imputar humilhações em masmorras, maltratando e torturando um rapaz bem relacionado com os Nostitz e parente dos Piastas. E vassalo de João de Ziębice. Conrado, o bispo da Breslávia, que o Balbulus tanto odeia e cujo desprezo é recíproco, espera por uma única oportunidade para tramar os Stercza.

Nada bom, nada bom, nada bom mesmo.

E a culpa de tudo isso, decidiu Apeczko de repente, enquanto palitava os dentes, é do Reynevan, Reinmar de Bielau. E ele há de pagar. Mas sem que com isso se incitem tumultos por toda a Silésia. Pagará ordeiramente, em silêncio, na calada da noite, com uma faca enfiada entre as costelas, quando sorratamente aparecer — como bem adivinhou o Balbulus — em Ligota, no convento das irmãs cistercienses, abaixo da janela da sua amada, Adèle. Bastará uma

punhalada para que mergulhe na lagoa de carpas do convento. E pronto, nem mais um pio. Apenas o silêncio das carpas.

Por outro lado, não se pode ignorar por completo as ordens do Balbulus. Até porque o Balbucião costuma asseverar que as suas ordens sejam de facto obedecidas, impondo-as não somente a uma, mas a várias pessoas.

Diabos! O que fazer, então?

Apeczko, com um estrondo, cravou a faca no tampo da mesa e sorveu todo o conteúdo da caneca de um só gole. Então, ergueu a cabeça e encontrou o olhar da governanta gorda.

— Para onde estás a olhar? — rosnou ele.

— O senhor mestre também encomendou recentemente vinho italiano de primeiríssima qualidade — disse com calma a governanta. — O excelentíssimo gostaria que eu mandasse buscá-lo?

— Com certeza — respondeu Apeczko, sorrindo involuntariamente ao sentir a calma da mulher a envolvê-lo também. — Manda trazer, sim. Hei de provar aquilo que maturou em Itália. E faz o favor de mandar também um pajem para a sala de vigia e diz-lhe que vá imediatamente buscar um ginete razoável, que monte bem e que seja sensato. Alguém capaz de entregar um recado.

— Assim farei, excelentíssimo senhor.

As ferraduras ecoavam pela ponte. O mensageiro que partia de Sterzendorf olhou para trás e acenou para a sua donzela, que se despedia dele sacudindo um lenço branco como neve. E de repente ele detetou um movimento na parede da torre iluminada pelo luar, um vulto indistinto que se arrastava sobre ela. *Que diabo é aquilo?*, pensou o mensageiro. *O que rasteja lá no alto? Será um bufo? Uma coruja? Um morcego? Ou talvez...*

O mensageiro murmurou um encantamento de proteção, cuspiu no fosso e pressionou as esporas contra o corpo do cavalo. O recado que levava era urgente e o senhor que o mandava, severo.

E assim, portanto, não pôde ver a enorme trepadeira-dos-muros que estendia as suas asas e se lançava do parapeito para silenciosamente sobrevoar os telhados da cidade como se fosse um espectro noturno ou um fantasma rumo a oeste, na direção do Widawa.

O castelo de Sensenberg, como era de conhecimento geral, fora construído pelos templários. E não foi por acaso que escolheram aquele exato local

para o erguer. O cume da colina, que se projetava sobre a saliência de um precipício, fora, em tempos remotos, um local dedicado ao culto de deuses pagãos. Havia ali um templo no qual, de acordo com as lendas, os antigos habitantes daquelas terras, os Trebovanos e os Poboranos, ofereciam às suas divindades sacrifícios humanos. No século XII, quando restavam apenas círculos de pedras oblongas cobertas de musgo, escondidas entre as ervas daninhas, o culto pagão continuara a propagar-se e no topo da montanha mantinham-se acesas as fogueiras cerimoniais. Ainda em 1189, o bispo da Breslávia, Siroslaus II, ameaçava com punições severas aqueles que se atrevessem a celebrar *festum dyabolicum et maledictum* em Sensenberg. E mais de cem anos mais tarde, o bispo Lourenço ainda torturava nas masmorras aqueles que insistiam em realizar tais rituais.

Entrementes, no entanto, vieram os templários. E construíram os seus castelos silesianos, hostis miniaturas denteadas das suas fortalezas sírias, erguidas sob a supervisão de gente com a cabeça envolta em xailes e de rosto moreno como couro de boi curtido. Não era por acaso que os locais sagrados de cultos antigos, cuja lembrança já se havia perdido quase por completo, eram escolhidos para sediar tais fortalezas. Era esse o caso de Mała Oleśnica, Otmęt, Rogów, Habendorf, Fischbach, Peterwitz, Owiesno, Lipa, Braciszowa Góra, Srebrna Góra e Kaltenstein. E, é claro, de Sensenberg.

Mais tarde, porém, veio o fim dos templários. Seria em vão debater se foi justo ou não. O facto é que a ordem acabou, e não é segredo o que sucedeu. Os seus castelos foram tomados pela Ordem Soberana e Militar de Malta, repartidos entre mosteiros que enriqueciam com rapidez e magnatas silesianos que, com a mesma velocidade, ganhavam poder. Alguns, apesar do poder adormecido nas suas raízes, caíram em ruína com igual celeridade. Transformaram-se em ruínas a serem evitadas, contornadas. Temidas.

E com razão.

Apesar da colonização acelerada, apesar dos colonos sedentos de terras vindos da Saxónia, Turíngia, Renânia e Francónia, a colina e o castelo de Sensenberg permaneciam cercados por uma faixa de terra de ninguém, um ermo onde apenas fugitivos ou caçadores incógnitos ousavam penetrar. E foi por intermédio desses caçadores e fugitivos que o povo ouviu histórias sobre aves extraordinárias, cavaleiros fantasmagóricos, luzes que piscavam nas janelas do castelo, gritos e cantos selvagens e cruéis, e uma pavorosa música de órgão que parecia ressoar dos recônditos da terra.

Havia aqueles que não acreditavam em tais histórias. Havia também outros que eram seduzidos pelo tesouro dos templários, o qual, diziam, permaneceria

enterrado algures nos subterrâneos de Sensenberg. E havia ainda os meros curiosos e os espíritos irrequietos, que precisavam de ver para crer.

Esses não regressavam.

Naquela noite, houvesse nas cercanias de Sensenberg algum caçador incógnito, um fugitivo ou um aventureiro, a colina e o castelo teriam propiciado assunto para sucessivas lendas. Uma tempestade vinha de trás do horizonte, e de quando em quando o céu resplandecia com a luz de relâmpagos distantes, tão distantes que nem sequer se ouvia o murmúrio dos trovões. De repente, fulguravam as janelas do castelo como grandes olhos flamejantes naquele monólito negro, emoldurado pelos raios no céu escuro ao fundo.

Havia, pois, no interior das ruínas aparentes, uma enorme sala de cavalaria com o pé-direito alto. A luz dos candelabros e das tochas que ardiam em suportes de ferro resgatava das trevas os frescos pintados sobre as paredes austeras, que reproduziam cenas cavalleirescas e religiosas. Podia ver-se Percival, que, ajoelhado diante do Graal, mantinha o olhar fixo na enorme mesa redonda situada a meio da sala. E também Moisés, que descia o Monte Sinai carregando as tábuas de pedra; Orlando, em plena Batalha de Albraccà; São Bonifácio, no seu suplício de mártir, atingido pelas espadas dos frísios; Godofredo de Bulhão adentrando por Jerusalém conquistada. E Cristo, caindo pela segunda vez ao pé da cruz. Todos eles fitavam, com os seus olhos levemente bizantinos, a mesa e os cavaleiros sentados em redor dela, trajando armaduras completas e capas encapuzadas.

Uma enorme trepadeira-dos-muros entrou pela janela aberta, acompanhada por um sopro de vento.

A ave voava em círculos dentro da sala, lançando sobre os frescos uma sombra espectral. Depois, empoleirou-se sobre o encosto de uma das cadeiras e eriçou as penas. Então, abriu o bico e grasnou, e, antes que cessasse o som do seu grasnar, havia no seu lugar, sentado na cadeira, já não uma ave, mas um cavaleiro com armadura e capa, quase idêntico aos demais.

— *Adsumus* — proferiu de forma surda a Trepadeira-dos-Muros. — Senhor, estamos aqui reunidos em Seu nome. Venha a nós e entre nós permaneça.

— *Adsumus* — repetiram em uníssono os cavaleiros em redor da mesa. — *Adsumus! Adsumus!*

O eco percorreu o castelo como um trovão retumbante, o ruído de uma batalha distante, o estrondo de um aríete a chocar contra os portões de uma cidade. E aos poucos foi-se dissipando pelos corredores sombrios.

— Glória ao Senhor! — proclamou a Trepadeira-dos-Muros quando o

silêncio já voltava a reinar. — Aproxima-se o dia em que todos os Seus inimigos serão reduzidos a pó. Ai deles! É por isso que nos encontramos aqui!

— *Adsumus!*

— Meus irmãos, a providência divina oferece-nos mais uma oportunidade para atingirmos os inimigos do Senhor e afligirmos os inimigos da fé. — A Trepadeira-dos-Muros ergueu a cabeça e os seus olhos resplandeceram com a luz da chama refletida. — É chegada a altura de desferir o próximo golpe! Lembrem-se, irmãos, deste nome: Reinmar de Bielau. Reinmar de Bielau, conhecido como Reynevan. Ouçam...

Os cavaleiros encapuzados debruçaram-se sobre a mesa, ouvindo com atenção. Cristo, caído aos pés da cruz, olhava, do fresco, na direção deles. E nos seus olhos bizantinos havia um abismo de um sofrimento profundamente humano.

CAPÍTULO III



No qual se discorre sobre coisas que — aparentemente — têm tão pouca relação entre si, como falcoaria, a dinastia dos Piastas, encher chouriços e heresia checa. E também a respeito de uma discussão sobre a necessidade de cumprir a palavra dada e, em caso afirmativo, em quais circunstâncias e a quem.

○ séquito ducal efetuou uma paragem mais demorada nas margens do rio Oleśniczka, que serpenteava por entre a mata ciliar repleta de amieiros, bosques de bétulas brancas e prados verdinhos em folha, num outeiro de onde era possível avistar os telhados e o fumo que subia das chaminés da aldeia de Borowa. Não procuravam, contudo, repousar, mas, sim, exaurirem-se em atividades senhoris.

À medida que o grupo de nobres se ia aproximando, bandos de patos, marrecos, zarros e mesmo garças levantavam voo dos charcos. Ao reparar nelas, o duque Conrado Kantner, senhor de Oleśnica, Trzebnica, Milicz, Ścinawa, Wołów, Smogorzów e, com o seu irmão Conrado, *o Branco*, de Koźle, imediatamente ordenou que a comitiva parasse e que lhe fossem entregues os seus falcões favoritos. O duque nutria uma singular paixão pela falcoaria. Oleśnica e as suas finanças podiam esperar, o bispo da Breslândia podia esperar, a política podia esperar, toda a Silésia e o mundo inteiro podiam esperar. Era o duque quem mal podia esperar para ver *Sarapintado*, o seu falcão predileto, arrancar as penas dos patos-reais, ou *Prateado* dar mostras da sua coragem num embate aéreo contra uma garça.

Assim, o duque galopava através do junco e da vegetação do charco como se estivesse possuído, acompanhado, ainda que por obrigação, pela igualmente destemida Inês, sua filha mais velha, o senescal Rudiger Haugwitz e alguns pajens de carreira.

O resto da comitiva aguardava nas margens da floresta, sem desmontar dos cavalos, já que não se sabia quando iria entediarse o duque. O convidado estrangeiro do duque soltava bocejos discretos. O capelão murmurava — por certo uma oração. O cobrador de impostos fazia contas — por certo de dinheiro. O menestrel compunha — por certo versos. As damas de companhia da duquesa Inês trocavam mexericos — por certo sobre outras damas. E os jovens cavaleiros matavam o tempo percorrendo e explorando a mata envolvente.

— Jumento!

Henrique Krompusch deteve bruscamente o cavalo, fazendo-o fincar os cascos na terra, e deu meia-volta, apanhado de surpresa. Então, pôs-se à escuta, tentando determinar qual dos arbustos acabara de sussurrar a sua alcunha.

— Jumento!

— Quem é? Apresente-se!

Os arbustos farfalharam.

— Por Santa Edwiges... — clamou Krompusch, boquiaberto de espanto. — Reynevan? És mesmo tu?

— Não, é Santa Edwiges — respondeu Reynevan, com uma voz tão ácida quanto uma groselha em maio. — Jumento, preciso de ajuda... De quem é esta comitiva? Do Kantner?

Antes que Krompusch resolvesse a situação, dois outros cavaleiros de Oleśnica juntavam-se a ele.

— Reynevan! — murmurou Iaksa de Wisznia. — Jesus Cristo, olha só para o teu aspeto!

Gostava de saber, pensava Reynevan, com que aspeto estarias tu se o teu cavalo tivesse batido a caçoleta logo depois de passar por Bystre. E se te visses obrigado a vaguear a noite toda pelos pântanos e ermos nas margens do rio Świerzna para de manhã trocares as tuas vestes molhadas e enlameadas por roupas toscas roubadas da cerca de uma residência camponesa. Eu gostaria muito de saber com que aspeto estarias depois de passares por algo similar, jovem mestre, pretensioso e afetado.

Benno Ebersbach, o terceiro cavaleiro de Oleśnica a aparecer, examinava-o com um olhar bastante soturno. Parecia compartilhar da opinião do outro.

— Em vez de ficarem aí boquiabertos — disse Ebersbach secamente —, deem-lhe algo para vestir. Livra-te desses farrapos, Bielau. Apressem-se, senhores, tirem dos vossos alforques o que quer que tenham trazido.

— Reynevan — disse de novo Krompusch, ainda sem entender de facto o que estava a acontecer. — És mesmo tu?

Reynevan não respondeu. Vestiu a camisa e o casaco que alguém lhe arremessara. Estava com tanta raiva que quase irrompeu em lágrimas.

— Preciso de ajuda... — repetiu. — Preciso muito de ajuda.

— Estamos a ver — confirmou Ebersbach, acenando com a cabeça. — E nisso estamos de acordo. Precisas muito de ajuda. Muito mesmo. Anda. Temos de te apresentar ao Haugwitz. E ao duque.

— Ele sabe?

— Todos sabem. Não se fala de outra coisa.

Se, com o seu rosto alongado, a testa prolongada pela calvície, a barba negra e os olhos penetrantes de um frade, Conrado Kantner pouco se assemelhava a um típico representante da dinastia, a sua filha Inês, pelo contrário, não deixava dúvidas de que afluía da linhagem mazoviana-silesiana. A duquesa tinha os cabelos fulvos, os olhos claros e o nariz pequeno, jovial e arrebitado, típicos de uma Piasta, eternizados na famosa escultura da catedral de Naumburgo. Inês Kantner, de acordo com as contas feitas rapidamente por Reynevan, tinha cerca de quinze anos. Portanto, já devia estar prometida a alguém. Mas Reynevan não se lembrava a quem.

— Levante-se.

Ele levantou-se.

— Saiba que não consinto com o ato cometido por sua senhoria — declarou o duque, lançando-lhe um olhar de reprovação. — Na verdade, considero as suas ações ignóbeis, repreensíveis, dignas de punição. E, sinceramente, aconselho-o, Reynevan de Bielau, a arrepender-se e penitenciar-se. O meu capelão assegura-me de que há no Inferno um enclave especial para os adúlteros. Os demónios afligem violentamente tais pecadores com o instrumento do seu pecado. Não entrarei em detalhes aqui por consideração à presença da donzela.

O senescal Rudiger Haugwitz bufava de raiva. Reynevan permanecia em silêncio.

— Como irá compensar Gelfrad von Stercza — prosseguiu Kantner —, é um assunto que cabe apenas a vocês os dois. Não vou meter-me nisso, até porque nenhum de vocês é meu vassalo. Vocês são súbditos do duque João de Ziębice. Eu deveria mesmo era simplesmente lavar as minhas mãos e enviá-lo até ele.

Reynevan engoliu em seco.

— Contudo — retomou o duque após um momento de dramático silêncio —, em primeiro lugar, não sou nenhum Pôncio Pilatos. Segundo, por consideração ao seu pai, que tombou ao lado do meu irmão na batalha de Tannenberg, não permitirei que seja assassinado numa absurda vingança de família. Já é

altura de pormos um fim a essas lutas de família e começarmos a viver de acordo com os padrões europeus. Isso é tudo. Permito que viaje como elemento da minha comitiva até à Breslávia. Mas evite ficar à minha vista. Os meus olhos não se alegram quando o veem.

— Vossa Alteza...

— Eu disse para se afastar.

A caça, definitivamente, terminara. Os falcões foram encapuzados, e os patos e as garças foram amarrados às tábuas da carroça para que a sua carne permanecesse macia. O duque estava contente, bem como a sua comitiva, pois a caçada, prevista para durar indefinidamente, chegara ao fim. Reynevan reparou em certos olhares que não disfarçavam a gratidão — a notícia de que ele tinha sido o motivo pelo qual o duque decidira abreviar a caçada e retomar a viagem já se espalhara pelo séquito. Reynevan, contudo, receava, e com razão, que aquele não fosse o único rumor a seu respeito que circulava por ali. As suas orelhas ardiam como se os olhos de todos os demais se voltassem para ele.

— Toda a gente — sussurrou ele para Benno Ebersbach, que cavalgava ao seu lado — sabe... de tudo?

— *Toda a gente*, sim — confirmou soturnamente o cavaleiro de Oleśnica. — Mas não *de tudo*, para tua sorte.

— Hã?

— Estás a fazer-te de tolo, Bielau? — perguntou Ebersbach, sem levantar a voz. — Podes ter a certeza de que o Kantner te despacharia, ou mesmo que te mandaria prender para te levar ao castelão, se soubesse que morreu gente em Oleśnica. É isso mesmo, não arregales assim os olhos. O jovem Niklas von Stercza está morto. Os cornos do Gelfrad são uma coisa, mas os Stercza jamais perdoarão a morte do irmão.

— Eu nem sequer... — disse Reynevan após uma série de suspiros. — Eu não encostei um dedo sequer ao Niklas. Juro.

Ebersbach claramente não se deixara convencer pelo juramento.

— E, para piorar as coisas — retomava ele o seu discurso —, a bela Adèle acusou-te de feitiçaria. Afirmou que a seduziste com um feitiço e te aproveitaste dela à força.

— Mesmo sendo verdade — respondeu Reynevan após uma breve pausa —, ela deve ter sido forçada a dizê-lo, sob ameaça de morte. Afinal, eles têm-nas nas mãos...

— Não têm nada! — contestou Ebersbach. — A bela Adèle fugiu dos agostinianos, onde publicamente te acusou de práticas diabólicas, para Ligota. Escondeu-se atrás dos muros do convento das clarissas.

Reynevan soltou um suspiro de alívio.

— Não acredito em tais acusações — replicou ele. — Ela ama-me. E eu amo-a.

— Que lindo.

— Podes ter a certeza de que o nosso amor é de facto lindo.

— Pode até ser — disse Ebersbach incidindo o seu olhar diretamente no de Bielau. — Mas a coisa ficou muito feia quando vasculharam o teu laboratório.

— Ah, era o que eu temia.

— E com razão. Na minha humilde opinião, a Inquisição só ainda não te apanhou por não ter terminado de fazer o inventário das coisas diabólicas que lá encontraram. O Kantner talvez consiga defender-te dos Stercza, mas, temo eu, será difícil proteger-te da Inquisição. Se a notícia sobre a necromancia se espalhar, ele mesmo irá entregar-te aos inquisidores. Não venhas connosco até Breslávia, Reynevan. Ouve o meu conselho. Debanda antes de lá chegarmos e fuge, esconde-te em algum lugar.

Reynevan não respondeu.

— A propósito — lançou Ebersbach casualmente —, és mesmo versado em magia? É que, vê lá tu, eu há pouco tempo conheci uma donzela e... bem... sabes... um elixir viria a calhar...

Reynevan não respondeu. Um grito ecoou da vanguarda.

— O que foi isso?

— Byków — adivinhou o Jumento Krompusch, já instigando o seu cavalo. — A Taberna do Ganso.

— Que Deus seja louvado — sussurrou Iaksa de Wisznia. — A porcaria daquela caçada deu-me uma fome de cão.

Reynevan permanecia em silêncio. O ronco do seu estômago era demasiado enfático.

A Taberna do Ganso era grande e decerto conhecida, pois havia ali muitos convivas, tanto locais como forasteiros, o que era possível deduzir pelos cavalos e carroças, bem como pelos homens armados e serviçais que andavam apressadamente de um lado para o outro. Quando o séquito do duque Kantner adentrou o pátio com toda a pompa e um grande tropel, o taberneiro, que já tinha sido avisado da sua iminente chegada, disparou pela porta de entrada como um tiro de bombarda, espantando as aves domésticas e respingando esterco em todas as direções. Apareceu a saltitar pé ante pé, curvando-se e fazendo vénias.

— Sejam bem-vindos! Muito bem-vindos, senhores! Que Deus vos abençoe — dizia o taberneiro, ofegante, ao recebê-los. — Que distinção, mas que honra que Vossa Magnânima Alteza...

— Parece que o local está lotado — disse o duque Kantner, enquanto os

serviçais imobilizavam o seu alazão para que ele desmontasse. — Quem acolhe hoje? Quem está a esvaziar as panelas? Sobrará algo para nós?

— Com toda a certeza, podem estar descansados — assegurou o taberneiro, tentando recuperar o fôlego. — Aliás, já não estamos lotados... Mal avistei Vossas Altezas na estrada, expulsei de imediato os escudeiros, os goliardos e os camponeses. A sala principal já se encontra vazia, todinha, assim como a câmara interior. A única coisa é que...

— O quê? — interveio Rudiger Haugwitz, erguendo a sobancelha.

— Na sala principal há convidados. Pessoas importantes e clérigos... emissários. Eu não ousaria reti...

— E ainda bem que não o fez — interrompeu Kantner. — Se o tivesse ousado, teria cometido uma afronta contra mim e contra toda a Oleśnica. Clientes são clientes! Como sou um Piasta, e não um sultão sarraceno, não é nenhum despeito, para mim, jantar com os demais comensais. Guiem-nos, senhores.

A sala, com algum fumo e impregnada de cheiro a repolho, de facto não se encontrava cheia. Para dizer a verdade, apenas uma mesa estava ocupada. Ao redor dela sentavam-se três homens tonsurados, dos quais dois trajavam uma vestimenta característica para clérigos em viagem, mas de tamanha opulência que não deveriam tratar-se de meros párocos. O terceiro vestia um hábito dominicano.

Ao ver Kantner entrar, os clérigos levantaram-se. Aquele cuja vestimenta era a mais rica curvou-se, mas sem humildade exagerada.

— Vossa Alteza Duque Conrado — disse, comprovando estar bem informado —, é de facto uma grande honra para nós. Se me permitir, gostaria de me apresentar. Sou Maciej Korzbok, vigário judicial da diocese de Poznań, em missão para a Breslândia, pelo irmão de Vossa Alteza, o bispo Conrado, encarregue pela Sua Excelência Reverendíssima, o bispo Andrzej Łaskarz. E estes são os meus companheiros de jornada, que, assim como eu, viajam de Gniezno para a Breslândia: o senhor Melchior Barfuss, vigário do reverendíssimo Cristóvão Rotenhahn, bispo de Lubusz, e o reverendo Jan Nejedly de Vysoke, prior *Ordo Praedicatorum*, que está em missão de acordo com os desígnios do provincial da ordem, na Cracóvia.

O brandemburguês e o dominicano inclinaram as tonsuras, e Conrado Kantner respondeu com um leve movimento da cabeça.

— Vossas Excelências Reverendíssimas — disse o duque, de forma nasalada —, será um prazer cear em tão nobre companhia. E conversar. Aliás, tanto aqui como no trajeto, se as nossas conversas não lhes parecerem demasiado fastidiosas, pois eu e a minha filha também rumamos para a Breslândia... Por obséquio, vem cá, Inesinha... Curva-te diante dos servos de Cristo.

A duquesa fez uma genuflexão e inclinou a cabeça com o intuito de cumprir o beija-mão, mas Maciej Korzbok deteve-a, benzendo-a com um rápido sinal da cruz sobre a franja fulva. O dominicano checo uniu as mãos, inclinou o pescoço e murmurou uma curta oração, acrescentando algo sobre *clarissima puella*.

— E eis aqui o senescal Rudiger Haugwitz — prosseguiu Kantner. — Estes são os meus cavaleiros e o meu convidado...

Reynevan sentiu que alguém o puxava pela manga. Obedeceu, então, aos gestos e sibilos de Krompusch e saiu com ele para o pátio, onde persistia o alvoroço causado pela chegada do duque. Ebersbach aguardava lá.

— Andei a indagar — disse ele. — Soube que estiveram aqui ontem. Wolfher von Stercza acompanhado de cinco homens. Aqueles eclesiásticos ali, da Grande Polónia, disseram que os Stercza os pararam, mas não ousaram impor-lhes nada. Porém, ao que tudo indica, procuram-te na estrada que leva à Breslávia. Se eu fosse a ti, fugia.

— Kantner — balbuciou Reynevan — há de defender-me...

Ebersbach encolheu os ombros.

— A decisão é tua. E a pele também. O Wolfher tem declarado aberta e detalhadamente o que fará contigo quando te apanhar. Eu, no teu lugar...

— Para começar, amo a Adèle e não a abandonarei! — explodiu Reynevan. — Em segundo lugar... para onde fugiria eu? Para a Polónia? Ou para a Samogícia?

— Não é uma má ideia. Digo... Samogícia.

— Peste! — bradou Reynevan, pontapeando uma galinha inquieta que ciscava ao redor dos seus pés. — Muito bem. Vou pensar nisso. E traçar um plano. Mas antes vou comer algo. Estou a morrer de fome e o cheiro do repolho com linguiça está a matar-me.

Os jovens encerraram a conversa no momento certo. Tivessem eles demorado um pouco mais e teriam ficado sem nada para comer. As panelas com o trigo-sarraceno e repolho com linguiça recheada, bem como as vasilhas com ossos de porco e carne, foram postas diante do duque e da duquesa. Os recipientes só chegavam às extremidades da mesa depois de os três clérigos, sentados mais próximos de Kantner — e que se provavam muito bons de garfo —, se saciarem. Para azar dos que se sentavam nas pontas, havia ainda no trajeto pela bancada Rudiger Haugwitz, que não deixava por menos, e o convidado estrangeiro do duque, um cavaleiro de cabelos negros, ombros mais largos do que os do próprio Haugwitz e um rosto tão moreno que era como se tivesse acabado de chegar da Terra Santa. Assim, quando chegavam àqueles de posição inferior e aos mais jovens, as vasilhas já se encontravam

praticamente vazias. Por sorte, alguns instantes depois, o taberneiro pôs diante do duque uma enorme tábua com capões de aspeto e cheiro tão succulentos que o repolho e a linguiça perderam um pouco do apelo e puderam chegar quase intactos às pontas da mesa.

Inês Kantner mordiscava a coxa de um capão e tentava evitar que a gordura escorresse até às largas e estilosas mangas do seu vestido. Os homens discutiam sobre diversos assuntos. Era a vez de um dos clérigos, o dominicano Jan Nejedly de Vysoke.

— Sou, ou, melhor, fui — discursava ele —, prior na Igreja de São Clemente, na Cidade Velha de Praga. *Item*, mestre da Universidade Carolina. Portanto, como veem, sou um desterrado que depende da benevolência e do pão alheios. O meu mosteiro foi saqueado. Quanto à academia, como podem facilmente adivinhar, não me dava bem com apóstatas e canalhas, da estirpe de Jan Přebor, Christianus de Prachaticz, Jacobus de Strzibro, que Deus os castigue...

— Temos aqui um estudante de Praga — interrompeu-o Kantner, lançando um olhar a Reynevan. — *Scholarus academiae pragensis, artium baccalaureus*.

— Então, aconselharia que o vigiasse de perto — comentou o dominicano, com os olhos a reluzir por cima da colher. — Longe de ser minha intenção lançar acusações, mas a heresia é como a fuligem, como o alcatrão. Como o estrume! Quem quer que esteja próximo acaba por se sujar.

Reynevan baixou de imediato a cabeça, sentindo outra vez as orelhas a arder e a face a enrubescer.

— O nosso estudante — disse o duque, fazendo de seguida uma breve pausa para se rir —, um herege? Ah, não. Ele vem de uma família decente, estuda na academia de Praga para se tornar padre e médico. Estou certo, Reinmar?

— Com o perdão de Vossa Alteza — respondeu Reynevan, engolindo nervosamente o conteúdo da boca —, já não estudo em Praga. Aconselhado pelo meu irmão, abandonei o Carolinum em 1419, pouco depois de os Santos Abdon e Sennen... Isto é, logo após a Defenes... Bem, vocês sabem quando. Agora penso recomeçar os estudos em Cracóvia... Ou em Lípsia, para onde se dirigiu a maioria dos mestres de Praga... Não regressarei à Boémia enquanto a agitação persistir.

— Agitação! — repetiu o dominicano, cuspido fiapos de repolho que aterravam no seu escapulário. — Uma bela palavrinha, deveras! Vocês aqui, nesta terra tranquila, não podem sequer imaginar os estragos que a heresia está a provocar na Boémia, nem as atrocidades que aquele lugar infeliz tem testemunhado. Incitada pelos hereges, lolardos, valdenses e outros servidores de Satanás, a turba direcionou a sua cólera irracional contra a fé e contra a

Igreja. Na Boémia, estão a acabar com Deus, incendiando os seus templos e assassinando os seus servos!

— Os relatos que nos chegam são verdadeiramente horríveis — atestava Melchior Barfuss, o vigário do bispo de Lubúsquia, enquanto lambia os dedos. — Não dá para acreditar...

— Mas é preciso acreditar! — bradou Jan Nejedly. — Pois nenhuma notícia é exagerada!

A cerveja no seu copo respingava para os lados e Inês Kantner recuou instintivamente, protegendo-se com a coxa de um capão como se fosse um escudo.

— Querem exemplos? Ei-los! Massacres de frades em Český Brod e Pomuk, cistercienses assassinados em Zbraslav, Velehrad e Mnichovo Hradište, dominicanos mortos em Písek, beneditinos em Kladruby e Postoloprty, premonstratenses inocentes assassinados em Chotěšov, sacerdotes executados em Český Brod e Jaroměř, mosteiros saqueados e queimados em Kolín, Milevsko e Zlatá Koruna, altares e imagens de santos profanados em Brevnov e Vodňany... E o que empreendia o próprio Žižka, esse cão raivoso, esse Anticristo e filho de Satanás? Carnificinas sangrentas em Chomutov e em Prachaticce. Em Beroun, quarenta padres foram queimados vivos, e em Sázava e Vilémov, mosteiros foram incendiados. Trata-se de sacrilégios que nem mesmo um turco cometeria, crimes asquerosos e crueldades, bestialidades que fariam qualquer sarraceno estremecer! Ó, Senhor, quando, deveras, julgará e castigará aqueles que derramam o nosso sangue?

O silêncio em que se ouvia apenas o murmúrio da oração do capelão de Olešnica foi interrompido pela voz profunda e melodiosa do cavaleiro de rosto moreno e ombros largos, o convidado do duque Conrado Kantner:

— Não precisava de ser assim.

— Perdão — disse o dominicano, erguendo a cabeça. — O que o senhor quer dizer com isso?

— Tudo poderia ter sido evitado. Bastava não terem queimado Jan Hus em Constança.

— O senhor já naquela época defendia o herege — disse o dominicano, com os olhos semicerrados. — Gritava, protestava, entregava petições, sei de tudo isso. Mas o senhor estava tão equivocado naquele momento como está agora. A heresia dissemina-se como erva daninha e as Sagradas Escrituras mandam destruir tal praga com fogo. As bulas pontificias ordenam...

— Deixe as bulas para as disputas de concílios — interrompeu o cavaleiro. — Soam um tanto ridículas numa taberna. E podem dizer o que quiserem, mas eu estava certo em Constança. O rei Sigismundo dera a sua palavra e garantira

a segurança de Hus, concedendo-lhe um salvo-conduto. Não cumpriu a palavra real nem o juramento, maculando, assim, a sua honra de monarca e cavaleiro. Eu não podia, nem queria, assistir impassível a algo assim.

— O juramento de um cavaleiro — rosnou Jan Nejedly — deve prestar-se ao serviço do Senhor, não importa quem o faça, seja um escudeiro ou um rei. Acham que servir o Senhor é o mesmo que cumprir o juramento e a palavra oferecidos a um herege? Consideram isso honra? Pois eu chamo-lhe pecado.

— Eu, quando dou a minha palavra, faço-o diante de Deus. Por isso cumpriria a minha palavra mesmo que a desse aos Turcos.

— Não há nada de errado em cumprir a palavra dada aos Turcos. O problema são os hereges.

— De facto — disse com muita seriedade Maciej Korzbok, o vigário judicial. — Um mouro ou um turco insistem no paganismo por ignorância e selvageria. Podem ser convertidos. Já um apóstata ou um cismático voltam-se contra a fé e a Igreja, troçam delas, ultrajam-nas com blasfêmias. É por isso que são, para Deus, cem vezes mais repugnantes. E são válidos todos os métodos utilizados para combater a heresia, quaisquer que sejam. Pois quem se dispuser a lutar contra um lobo ou contra um cão raivoso, se tiver pelo menos um pouco de juízo, não discursará sobre a honra e a palavra de cavaleiro! Na guerra contra a heresia, tudo é permitido.

— Em Cracóvia, quando é preciso prender um herege — disse o convidado de Kantner, voltando o olhar na direção deste —, o cónego Jan Elgot despreza até o sigilo sacramental e a santidade da confissão. O bispo Andrzej Łaskarz, a quem vocês servem, aconselha o mesmo aos padres da diocese de Poznań. De facto, tudo é permitido.

— O senhor não esconde as suas simpatias — disse amargamente Jan Nejedly. — Assim, tão-pouco ocultarei as minhas. Hus era um herege e tinha de ir para a fogueira. O sacro imperador romano, Sigismundo, rei da Hungria e da Boémia, agiu corretamente ao não cumprir a palavra dada ao herege checo.

— E é por isso que agora os Checos o adoram tanto — replicou o cavaleiro de rosto moreno. — Essa é a razão de ter fugido de Vyšehrad com a coroa checa debaixo do braço. Agora ele governa a Boémia, mas a partir de Buda, pois tão cedo não hão de permitir que regresse a Hradčany.

— O senhor ousa escarnecer do rei Sigismundo — observou Melchior Barfuss — e, ainda assim, serve-o.

— Uma coisa não exclui a outra.

— Não haveria outro motivo? — redarguiu, com uma dose de sarcasmo, o checo. — Cavaleiro, o senhor lutou ao lado dos polacos na batalha de

Tannenberg, contra a Ordem dos Cavaleiros Teutónicos de Santa Maria. Ao lado de Jagelão, um rei neófito que protege abertamente os hereges checos e com gosto oferece os ouvidos aos cismáticos e lolardos. O genro de Jagelão, o apóstata Korybutowicz, governa Praga com completa indulgência enquanto os cavaleiros polacos matam os católicos e saqueiam os mosteiros da Boémia. E, embora Jagelão finja que tudo isso ocorre contra a sua vontade e sem o seu consentimento, até agora não se deu ao trabalho de movimentar o seu exército. Se se tivesse aliado ao rei Sigismundo numa cruzada, num instante teriam liquidado os hussitas! Porque não o faz então Jagelão?

— Pois — troçou o cavaleiro moreno, abrindo um sorriso. — Eu também me questiono.

Conrado Kantner pigarreou ruidosamente. Barfuss fingia-se interessado apenas nas linguças, e nos enchidos. Maciej Korzbok mordida os lábios e assentia soturnamente com a cabeça.

— É verdade — admitiu o cavaleiro — que o sacro imperador romano várias vezes provou não ser amigo da Coroa polaca. No entanto, asseguro que todos os habitantes da Grande Polónia lutarão de bom grado em defesa da fé. Mas só depois de o luxemburguês garantir que nem os Teutónicos nem os Brandemburgueses lançarão um ataque contra nós enquanto marcharmos rumo ao Sul. E como poderia ele oferecer tal garantia se com eles conspira para dividir a Polónia? Não estou certo, duque Conrado?

— Porque é que nos desgastamos com tais debates? — disse o duque com um sorriso forçado. — Parece-me que estamos a perder tempo em politiquices. E a política não combina com comida. A qual, inclusive, está a arrefecer.

— Pelo contrário, é preciso discutir tais questões — protestou Jan Nejedly, para a alegria dos cavaleiros mais jovens, que viam aproximar-se duas panelas quase intocadas pelos nobres loquazes. A alegria deles, no entanto, durou pouco, pois os nobres senhores demonstraram ser completamente exequível falar e comer ao mesmo tempo.

— Ora, vejam bem, meus senhores — continuava o antigo prior de São Clemente enquanto devorava repolho. — Essa peste lolarda não é uma questão exclusivamente checa. Os checos, e eu sei do que falo, podem inclusive chegar cá, da mesma forma que chegaram à Morávia ou a Rakúsy. Podem muito bem visitá-los, nobres senhores. A todos vocês aqui presentes.

— Pfft! — ironizou Kantner enquanto revirava a comida no prato em busca de um torresmo. — Não acredito nisso.

— Nem eu — bufou Maciej Korzbok antes de soprar a espuma da cerveja. — Seria uma longa jornada até que nos alcançassem em Poznań.

— Pior ainda até Lubusz e Fürstenwalde — disse Melchior Barfuss com a boca cheia. — Oh, caramba! Não me tiram nem um pouco o sono.

— Tem razão — acrescentou o duque com um sorriso pouco agradável. — É mais provável que os checos sejam visitados antes que resolvam visitar alguém. Agora, então, que já não contam com Žižka, creio que não tardará até os checos receberem uma visitinha. Eles que aguardem para ver.

— Uma cruzada? Vossa Alteza sabe de alguma coisa?

— Não, não sei de nada — respondeu Kantner, ainda que a sua expressão sugerisse o oposto. — São apenas ponderações. Taberneiro! Mais cerveja!

Reynevan escapou sorratamente para o pátio, dali para trás do chiqueiro, e de lá para os arbustos atrás da horta. Depois de se aliviar, e antes de regressar à sala principal, foi até ao portão e durante uns instantes ficou ali a observar a estrada, que desaparecia na neblina cinza. Sentia-se tranquilo por não avistar os irmãos Stercza a galopar na sua direção.

Adèle, pensou de repente. A Adèle não está segura com as cistercienses em Ligota. Eu devia...

Devia. Mas tenho medo. Do que os Stercza possam fazer-me. Do que têm falado em detalhes.

Ao voltar para o pátio, ficou aturdido ao ver o duque Kantner e Haugwitz saindo prontamente de trás dos chiqueiros. *Mas porque me espanto?*, refletiu. *Até os duques e senescais se aliviam no meio do mato e atrás dos chiqueiros quando a natureza os chama.*

— Ouça bem, Bielau — disse secamente Kantner enquanto lavava as mãos no balde trazido às pressas por uma criada. — Preste muita atenção ao que vou dizer-lhe. Não me acompanhará até à Breslândia.

— Mas, Vossa Alteza...

— Feche o bico e não o abra até que eu assim ordene. Faça isso para o seu próprio bem, seu patife, pois estou seguro de que na Breslândia o bispo, meu irmão, irá metê-lo numa torre antes que consiga articular *benedictum nomen Iesu*. O bispo Conrado não suporta os adúlteros, pois decerto não deve gostar de concorrência, eh eh eh. Portanto, agarre no cavalo que lhe emprestei e parta para Mała Oleśnica, para a comendadoria da Ordem de São João. Dirá ao comendador Dytmar de Alzey que eu mesmo o mandei em penitência. E ficará lá, bem quietinho, até que eu o convoque. Está percebido? É bom que esteja. Fique com este saco de moedas para a jornada. Sei que não é muito. Dar-lhe-ia mais, porém, o meu cobrador de impostos desaconselhou-me a fazê-lo. Esta taberna abocanhou uma boa porção das minhas reservas para despesas de viagem.

— É muito gentil — murmurou Reynevan, ainda que o peso do saquitel

não fizesse justiça ao agradecimento. — Muito obrigado pela sua generosidade, Vossa Alteza. Mas...

— Não tema os Stercza — interrompeu o duque. — Não vão perturbá-lo na casa dos cavaleiros de São João. E não fará sozinho o percurso até lá. Acontece que o meu convidado vai nessa direção, rumo à Morávia. Deve tê-lo visto à mesa. Ele aceitou a sua companhia. Verdade seja dita, de início opôs-se, mas consegui convencê-lo. Quer saber como?

Reynevan assentiu com a cabeça.

— Eu disse-lhe que o seu pai tinha sido um dos integrantes da bandeira do meu irmão na batalha de Tannenberg, e que tombou em ação. O meu convidado também lá esteve. Só que ele chama-lhe batalha de Grunwald, pois lutou do lado oposto. Alegre-se, meu rapaz, alegre-se! Não pode queixar-se da minha benevolência. Tem um cavalo e alguns trocados. E segurança garantida.

— Garantida como? — atreveu-se Reynevan a replicar. — Vossa Alteza... Wolfher von Stercza está acompanhado de cinco homens, enquanto eu terei a companhia de... um único cavaleiro? Vossa Alteza, mesmo que ele tenha um escudeiro... não deixa de ser apenas um cavaleiro!

Rudiger Haugwitz bufou. Conrado Kantner enfiou os lábios condescendentemente.

— Ah, Bielau, é mesmo cego. Um bacharel letrado como você não reconheceu um homem de tamanho renome? Para este cavaleiro, acredite, seis são apenas um aperitivo.

Vendo que Reynevan ainda não compreendia, o duque explicou:

— É o próprio Zawisza, o Negro, de Garbowo.